



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

3º Trimestre de 2014



Fortaleza – Ceará
Dezembro de 2014

ipece INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Cid Ferreira Gomes – Governador

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Eduardo Diogo – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Diretor Geral

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes – Diretor de Estudos Econômicos

Regis Façanha Dantas – Diretor de Estudos Sociais

IPECE Conjuntura – 3º Trimestre – jul.-set. de 2014

Equipe Técnica

Adriano Sarquis (Coordenação Geral)

Daniel Suliano (Coordenação Técnica)

Alexsandre Lira Cavalcante

Ana Cristina Lima Maia Souza

Marlene Mindêllo

Maurício Cabrera

Nicolino Trompieri Neto

Paulo Pontes

Witalo de Lima Paiva

Colaboração

Gabriel Figueiredo

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão

Disponibilizar informações geosocioeconômicas, elaborar estratégias e propor políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Valores

Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

Visão

Ser reconhecido nacionalmente como centro de excelência na geração de conhecimento socioeconômico e geográfico até 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, 2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

ouvidoria@ipece.ce.gov.br

www.ipece.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) publica o IPECE CONJUNTURA – Boletim da Conjuntura Econômica cearense, referente aos resultados do 3º trimestre de 2014.

Neste documento, foi utilizado como referência o cenário econômico internacional e nacional, os quais serviram para orientar a análise sobre o desempenho da atividade econômica cearense.

O Boletim contempla uma série de análises envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo socioeconômico do Ceará, com destaque para o comportamento setorial da agricultura, indústria, serviços e comércio varejista além do mercado de trabalho, do comércio exterior e finanças públicas estaduais.

Ao lado dessa análise conjuntural, o Boletim reserva um espaço para reflexão sobre temas de interesse da sociedade. Este número traz um artigo onde se discute o estado de bem estar brasileiro.

O Boletim IPECE CONJUNTURA procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo sobre a economia cearense.

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

1. PANORAMA INTERNACIONAL, 5

2. EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA, 7

3. ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO, 11

4. ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL, 12

4.1. Agropecuária, 12

4.2. Indústria, 15

4.3. Serviços, 22

4.3.1. Pesquisa Mensal dos Serviços, 22

4.3.2. Comércio Varejista, 25

5. MERCADO DE TRABALHO, 31

5.1. Região Metropolitana de Fortaleza, 31

5.2. Emprego Formal, 33

6. COMÉRCIO EXTERIOR, 37

7. FINANÇAS PÚBLICAS, 45

7.1 Resultado Fiscal, 45

7.2 Receitas, 45

7.3 Despesas, 47

7.4 Dívida, 49

8. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 51

9. ARTIGO DE OPINIÃO, 55

A Economia Social da Manada de Búfalos, 55

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.
ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.
Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

SUMÁRIO EXECUTIVO

- O desempenho da economia mundial para o ano de 2014 está abaixo do que foi esperado no começo do ano. As expectativas apontavam um crescimento mais acelerado da economia americana e recuperação da economia de países importantes da Zona do Euro, resultando em maiores taxas de crescimento dos países em desenvolvimento. Conforme o documento de outubro do FMI, a projeção de crescimento econômico mundial para 2014 foi estimada em 3,3%.
- O resultado do PIB nacional a preços de mercado indica crescimento de 0,1% em relação ao segundo trimestre do mesmo ano. Apesar de uma taxa relativamente modesta, a economia brasileira sai da recessão técnica, não obstante ainda apresentar um quadro de estagnação.
- No terceiro trimestre de 2014 com relação ao mesmo período de 2013, a economia cearense apresentou uma taxa de crescimento de 5,60%, sendo a décima oitava taxa trimestral consecutiva superior à taxa da economia brasileira. Este crescimento foi superior ao registrado no terceiro trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, onde verificou-se um crescimento de 3,76%. No acumulado do ano, observa-se um crescimento de 4,19%. Em relação à taxa anualizada, registra-se um crescimento de 3,78%.
- O Ceará vem enfrentando um longo período de seca. Desde 2009, o índice de pluviosidade para o estado tem registrado valores abaixo da média. Todavia, vale ressaltar que nos anos de 2013 e 2014 as ocorrências de chuvas foram maiores do que nos anos de 2011 e 2012. Por esse baixo volume de chuvas, o setor agropecuário cearense vem apresentando comportamentos de grandes oscilações visto que a agricultura do estado apresenta grande dependência das chuvas por ser, predominantemente, produção agrícola de sequeiro.
- Após um primeiro trimestre de leve expansão, os resultados assinalados nos trimestres seguintes de 2014 revelam um momento de retração da indústria. Apesar das medidas de estímulo adotadas em nível nacional, a indústria brasileira e, em particular, a cearense não conseguem retomar um crescimento consistente, além de continuarem a sofrer com a concorrência internacional e com questões estruturais que reduzem o poder de competição. Tal quadro pode estar sendo potencializado ainda pelo ambiente de deterioração das expectativas e de incertezas no tocante à condução da política econômica.
- O grau de confiança no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Fortaleza aumentou mais especificamente nos meses que compreendem o terceiro trimestre de 2014, quando a taxa de participação e a taxa de desemprego registraram crescimento vigoroso.

- O terceiro trimestre de 2014 registrou uma retomada dos empregos formais passando de 1.520 vagas no primeiro trimestre para 21.689 vagas no terceiro trimestre. Os setores que mais contribuíram para esse resultado foram os Serviços, a Construção civil, o Comércio e a Agropecuária. Todavia, no acumulado do ano, os setores de Comércio e a Indústria de transformação vêm mostrando uma perda de dinamismo na geração de novas vagas, relativamente aos últimos quatro anos.
- Na análise do comportamento das vendas do varejo ao longo do ano de 2014 observa-se um comportamento distinto entre o varejo comum, que apresentou trajetória de queda, e o varejo ampliado, que apresentou comportamento de recuperação graças ao crescimento das vendas de materiais de construção no terceiro trimestre deste ano. Deve-se, destacar, contudo, um comportamento de desaceleração do comércio varejista ao longo dos últimos anos em todos os estados federativos.
- Neste terceiro trimestre de 2014 as exportações cearenses totalizaram um valor recorde de US\$ 393,388 milhões, significando um crescimento de 9,34%, em relação ao mesmo trimestre de 2013. Enquanto isso, as importações surpreenderam as expectativas e aumentaram 39,02% em comparação ao mesmo período de 2013. Por sua vez, o saldo da balança comercial continua deficitário em US\$ 661,04 milhões, apresentando o pior desempenho desde 2010.
- O Estado do Ceará encerrou o segundo quadrimestre de 2014 com uma Dívida Consolidada Líquida em R\$ 4.367 milhões. Apesar do baixo nível de endividamento, o Estado tem mostrado um pesado compromisso com o pagamento do serviço da dívida, por conta de um cronograma de amortizações concentrado no curto prazo.

1 PANORAMA INTERNACIONAL

O desempenho da economia mundial para o ano de 2014 está abaixo do que foi esperado no começo do ano. A confiança projetada para a economia mundial apostava em um crescimento mais acelerado da economia americana e recuperação da economia de países importantes da Zona do Euro, resultando em maiores taxas de crescimentos dos países em desenvolvimento. Conforme o Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook* de abril de 2014, a projeção de crescimento econômico mundial para o ano foi de 3,6%, enquanto no documento de outubro o crescimento econômico mundial foi estimado em 3,3%. As razões para essa redução nas expectativas estão associadas ao desempenho da economia americana mais lento do que o esperado, às dificuldades de alguns países europeus para saírem da recessão e, ainda, às menores taxas de crescimento dos países em desenvolvimento. O documento do FMI ressalta que esse fraco desempenho da economia mundial está atrelado à falta de confiança do mercado e à baixa demanda.

Quanto às estimativas para o crescimento econômico no terceiro trimestre de 2014 verificou-se que a economia dos Estados Unidos registrou taxa próxima ao valor do terceiro trimestre de 2013, segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O governo americano aplicou várias políticas fiscais e monetárias para estimular a economia do país, a destacar a compra de ativos (títulos do Tesouro e imobiliários), que deu início em setembro de 2012, e foi cortando seguidamente o volume de estímulos até anunciar o fim da compra desses títulos.

Em 2014, o *Federal Reserve* (FED), banco central dos Estados Unidos, justificou o fim das compras de títulos do Tesouro e imobiliários, afirmando que a economia do país já apresentava força suficiente para continuar o progresso existente na direção do pleno emprego em um contexto de estabilidade de preços. Quanto à taxa de juros resolveu mantê-la próxima de zero, porém com monitoramento dos indicadores econômicos, podendo haver um aumento antes do esperado.

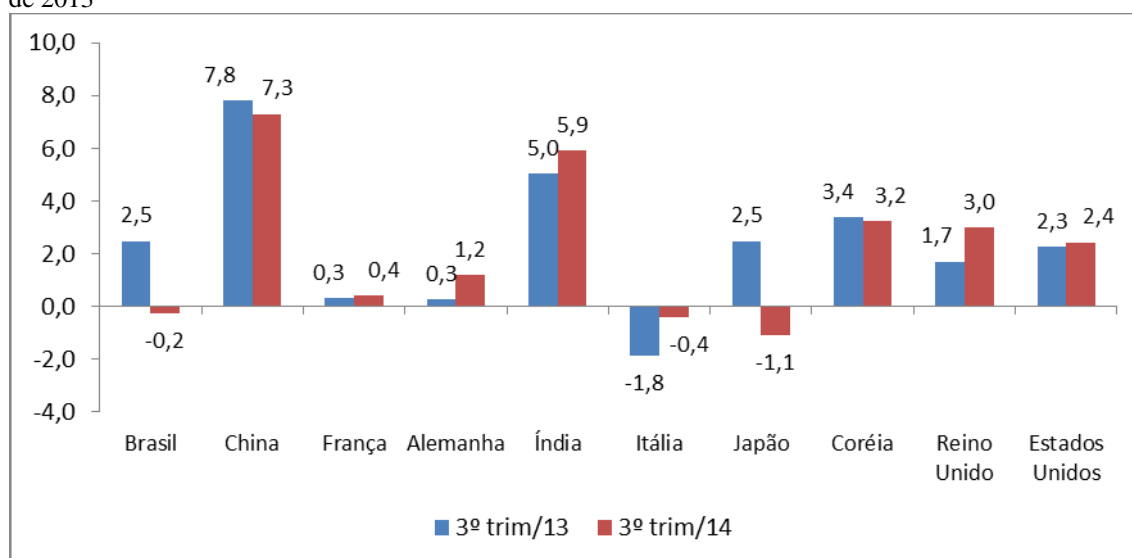
O Japão registrou contração econômica no terceiro trimestre de 2014, comparada ao mesmo período do ano anterior. Esse resultado foi reflexo da retração do consumo interno do país, causada pelo aumento do Imposto sobre o Valor Agregado (IVA), aplicada a partir de abril deste ano. O PIB japonês registrou queda de 1,7% no segundo trimestre de 2014, em relação ao trimestre anterior.

Quanto aos países da Zona do Euro, notou-se uma lenta recuperação da crise, embora alguns tenham mostrado melhor resultado no terceiro trimestre de 2014, comparado ao mesmo período do ano de 2013, a destacar a França e a Alemanha. Com relação à economia da Itália,

esta ainda enfrenta recessão, com uma variação negativa do PIB (-0,4%), no terceiro trimestre de 2014, comparado ao terceiro trimestre de 2013. As políticas de estímulo à economia italiana não vêm surtindo os efeitos esperados, havendo a necessidade de novas medidas para enfrentar os obstáculos estruturais, como a rigidez do mercado de trabalho e o inchaço da administração pública.

Os países em desenvolvimento também tiveram suas expectativas reduzidas para o ano de 2014, quando o FMI diminuiu a estimativa de crescimento econômico desses países de 4,9% para 4,4%. A economia da China no 3º trimestre de 2014 apresentou variação de 7,3%, próxima ao verificado no mesmo período de 2013. Ao longo do ano a economia chinesa vem apresentando uma demanda interna retraída. A Índia vem mantendo o bom desempenho econômico, registrando crescimento de 5,9% no terceiro trimestre de 2014 com relação ao terceiro trimestre de 2013. Esse comportamento reflete a eficácia das políticas fiscais implementadas na economia indiana nos últimos anos e, conseqüentemente, o ganho de confiança que a mesma vem obtendo.

Tabela 1.1: Taxa (%) de Crescimento Real da economia - 3º trimestre de 2014 em relação ao mesmo trimestre de 2013



Fonte: OECD.

2 EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

No terceiro trimestre de 2014, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos líquidos dos subsídios, registrou uma queda de 0,2% em relação ao terceiro trimestre de 2013 (Tabela 2.1), com desempenho bem inferior ao crescimento de 2,4%, observado no terceiro trimestre de 2013 em relação ao mesmo período do ano de 2012. Na comparação do crescimento acumulado de 2014 em relação ao mesmo período de 2013, observa-se um crescimento de 0,2%. Já para a taxa anualizada, onde computa-se o crescimento dos últimos quatro trimestres em relação aos quatro imediatamente anteriores, registra-se um crescimento de apenas 0,7%.

Tabela 2.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Brasil (*)

Setores e Atividades	3º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	Acumulado	Acumulado
	2013 (**)	2014 (**)	2014 (**)	2014 (**)	no ano (**)	nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	0,4	2,8	0,0	0,3	0,9	1,1
Indústria	2,3	0,8	-3,4	-1,5	-1,4	-0,5
Extrativa Mineral	1,1	5,4	8,0	8,2	7,3	5,3
Transformação	2,8	-0,5	-5,5	-3,6	-3,3	-1,8
Construção Civil	2,0	-0,9	-8,7	-5,3	-5,1	-3,3
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	3,7	5,2	1,0	0,6	2,2	2,5
Serviços	2,3	2,0	0,2	0,5	0,9	1,2
Comércio	2,8	2,2	-2,4	-1,8	-0,7	0,3
Transportes	5,2	4,0	0,9	1,8	2,2	2,2
Intermediação Financeira	2,6	2,6	2,5	3,2	2,7	2,2
Administração Pública	2,6	1,9	1,3	1,0	1,4	1,7
Outros Serviços	0,1	0,5	-1,6	-0,6	-0,6	-0,6
VA a preços básicos	2,2	1,8	-0,7	-0,1	0,3	0,7
PIB pm	2,4	1,9	-0,9	-0,2	0,2	0,7

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Em relação aos Valores Adicionados dos setores, observa-se um baixo crescimento na Agropecuária, registrando uma taxa de 0,3% no terceiro trimestre de 2014, em relação a igual período de 2013. Esse desempenho é bem próximo ao verificado no terceiro trimestre de 2013, comparado com o mesmo período de 2012, quando verificou-se um crescimento de 0,4%. Esse resultado pode ser explicado, principalmente, pelo fraco desempenho de alguns produtos da lavoura que possuem safra relevante no terceiro trimestre, como foi o caso do café (queda de -6,6%) e a cana de açúcar (-5,9%). Por outro lado, contribuíram positivamente para o desempenho desse setor a laranja (crescimento de 3,2%), mandioca (10,1%), feijão (10,9%) e o trigo (30,6%).

A indústria, por sua vez, apresentou no terceiro trimestre de 2014, em relação ao mesmo período de 2013, um decréscimo de 1,5%, registrando um desempenho bem abaixo do observado no trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, quando verificou-se um crescimento de 2,3%. Em relação às atividades que compõem a Indústria, para o mesmo período de análise, a Indústria de transformação apresentou um recuo de 3,6%, devido às quedas registradas na produção da indústria automotiva; produtos de metal; máquinas e equipamentos; metalurgia; máquinas e aparelhos elétricos; móveis e produtos de borracha e plástico. A construção civil também apresentou redução (-5,3%). Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana, por sua vez, apresentou crescimento de 0,6%, puxado pelo consumo residencial de energia elétrica e o consumo de gás encanado. Já a extrativa mineral cresceu 8,2%, beneficiada tanto pelo aumento da extração de petróleo e gás natural como da extração de minérios ferrosos.

O valor adicionado de Serviços apresentou um crescimento de 0,5% no terceiro trimestre de 2014 em comparação com o mesmo período de 2013, apresentando um desempenho bem inferior se comparado ao segundo trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, cujo crescimento foi de 2,3%. Esse fraco desempenho foi motivado, em grande parte, pela queda na atividade do comércio (-1,8% e pelo resultado negativo na atividade de Outros Serviços (-0,6%), que além dos serviços prestados às empresas, engloba serviços prestados às famílias, saúde mercantil, educação mercantil, serviços de alojamento e alimentação, serviços associativos, serviços domésticos e serviços de manutenção e reparação. As atividades que apresentaram crescimento positivo foram Intermediação financeira (3,2%), Transporte, armazenagem e correio (que engloba transporte de carga e passageiros) (1,8%) e Administração Pública (1,0%).

A Tabela 2.2 apresenta os resultados da taxa de crescimento do PIB trimestral brasileiro com ajuste sazonal (crescimento com relação ao trimestre imediatamente anterior) pela ótica da oferta (grandes setores) e pela ótica da demanda (componentes do PIB).

O resultado do PIB nacional a preços de mercado indica crescimento de 0,1% em relação ao segundo trimestre do mesmo ano. Apesar de uma taxa relativamente modesta, a economia brasileira sai da recessão técnica, não obstante ainda apresentar um quadro de estagnação.

Dentro dos componentes sob a ótica da produção a agropecuária registrou recuo de -1,9% ante o trimestre anterior. Como dito, produtos relevantes no setor primário nacional como café e cana-de-açúcar tiveram desempenho negativo, o que contribuiu para a queda do setor em geral. Todavia, o setor acumula alta de 1,7% no ano com tendência de crescimento no último

trimestre, mas com previsão de registrar uma taxa inferior a 7,3%, que foi a taxa registrada no ano de 2013.

Tabela 2.2: Taxa de crescimento do PIB Trimestral - Brasil (%)

		Com Ajuste Sazonal				
Descrição		3º Trim. (2013)	4º Trim. (2013)	1º Trim. (2014)	2º Trim. (2014)	3º Trim. (2014)
PIB a preços de mercado		-0,5	0,5	-0,2	-0,6	0,1
Ótica da oferta	Agropecuária	-4,2	-0,5	3,2	0,4	-1,9
	Indústria	-0,1	-0,4	-0,9	-2	1,7
	Serviços	0,1	0,5	0,0	-0,5	0,5
Ótica da Demanda	Consumo das famílias	1,0	0,7	-0,2	0,0	-0,3
	Consumo do governo	0,6	0,7	0,3	-0,5	1,3
	Formação bruta de capital fixo (FBKF)	-1,7	-2,1	-2,6	-5,2	1,3
	Exportações	-1,4	4,5	-4,2	3	1
	Importações (-)	-1,1	-0,6	1,0	-1,8	2,4

Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração IPECE.

O setor industrial depois de quatro trimestres consecutivos de queda registrou crescimento de 1,7%. Todavia, deve ser ressaltado que esse crescimento não foi suficiente para reduzir o movimento de estoques indesejados e o excesso de capacidade ociosa que foi ampliada em razão movimento de estagnação apresentado nos trimestres anteriores. Além disso, do ponto de vista da categoria de uso, o acumulado até setembro retrata desempenho negativo dos principais setores como bens intermediários, utilizados na produção de outros bens, e bens de capital, que servem para ampliação da capacidade produtiva da economia.

A lenta expansão da indústria nos últimos trimestres acabou criando um círculo vicioso no qual impera a falta de confiança e baixas expectativas dos empresários com vista a investimentos futuros, o que reflete também na geração de empregos no setor. Esse resultado acaba criando um efeito em cadeia no setor de serviços na medida em que o mesmo vem tendo desempenho modesto nos últimos quatro trimestres além de um crescimento de apenas 0,5% no terceiro trimestre com relação ao segundo trimestre de 2014.

Sob a ótica da demanda, a despesa de consumo das famílias apresentou crescimento de apenas 0,1%. Na mesma toada do setor industrial e do setor de serviços a parcela da renda destinada ao consumo vem se desacelerando por conta do menor crescimento da renda do trabalho e persistência da inflação acima da meta. Além disso, a elevação das altas taxas de juros no ano

de 2013 restringiu o crédito que combinado com a menor geração de empregos arrefeceu o consumo das famílias.

Com relação aos investimentos, depois de quatro trimestres seguidos de queda, registraram crescimento de 1,3% com relação ao segundo trimestre de 2014. Todavia, deve-se destacar que o volume do mesmo encontra-se em patamares muito baixo (17%), o que compromete a capacidade de crescimento futuro da economia. Ademais, não obstante essa recuperação, a perspectiva de baixa da formação bruta de capital fixo do país tende a persistir, haja vista a falta de confiança do setor industrial para ampliar a capacidade de produção futura, potencializada, ainda, pela projeção de desemprego a médio prazo na economia.

O setor público, por meio das despesas de consumo da administração pública, apresentou crescimento idêntico à formação bruta de capital fixo de 1,3%. Esse crescimento, por outro lado, veio atrelado a resultados negativos na área fiscal, reforçando os déficits historicamente elevados como o observado no mês de setembro deste ano.

No *front* externo, exportações e importações tiveram crescimento no terceiro trimestre de 1% e 2,4%, respectivamente, em relação ao segundo trimestre. As exportações vêm tendo um desempenho modesto ao longo de 2014 por conta da queda dos termos de trocas das *commodities*, principalmente de minério de ferro, o que impacta diretamente no desempenho das exportações do país. Deve-se também ressaltar a fraca demanda de bens manufaturados da Argentina, um dos principais compradores do Brasil. Apesar da alta das importações, as perspectivas para 2014 são de retração por conta da baixa demanda de bens de capital pela indústria e aumento do preço dos derivados do petróleo, reduzindo a demanda de petróleo da Petrobras.

Balanco de Pagamentos

O terceiro trimestre do ano registrou uma tendência ainda maior de alta no déficit em transações correntes projetando um saldo negativo de US\$ 83,5 bilhões no acumulado dos últimos 12 meses até setembro de 2014. Tal magnitude é similar ao ano de 2001, ano em que ocorreu déficit crônico no saldo.

A queda nos preços das *commodities*, juntamente com a tendência de arrefecimento da economia chinesa e a menor demanda da Argentina, tendem a piorar o saldo das exportações, setor de suma importância para a redução do *déficit*. Em compensação, a desaceleração da economia nacional e a piora da expectativa empresarial vão reduzir a demanda por bens de capital, atenuando a pressão negativa da balança comercial, atenuando, conseqüentemente, o problema das transações correntes.

No acumulado dos últimos doze meses até setembro o Investimento Estrangeiro Direto (IED) foi de pouco mais de US\$ 66 bilhões, insuficiente, portanto, para equilibrar o saldo do Balanço de Pagamentos. Investimentos em carteira e reservas internacionais podem se configurar como alternativas para compor o *déficit*. Sem um ajuste fiscal rigoroso o país pode vir a ter sua nota de classificação risco rebaixada podendo dificultar ainda mais a atração de investidores e futura crise de financiamento.

3 ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO

No terceiro trimestre de 2014 com relação ao mesmo período de 2013, a economia cearense apresentou uma taxa de crescimento de 5,60%, sendo a décima oitava taxa trimestral consecutiva superior à taxa da economia brasileira. Este crescimento foi superior ao registrado no terceiro trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, quando verificou-se um crescimento de 3,76% (Tabela 3.1). No acumulado do ano (janeiro/setembro), observa-se um crescimento de 4,19%, ao passo que a taxa anualizada, registra um crescimento de 3,78%.

Tabela 3.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Ceará (*)

Setores e Atividades	3º Trim. 2013 (**)	1º Trim. 2014 (**)	2º Trim. 2014 (**)	3º Trim. 2014 (**)	Acumulado no ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	-3,11	41,80	52,60	51,22	48,53	38,01
Indústria	6,98	1,70	-4,20	-0,70	-1,07	0,20
Extrativa Mineral	37,30	-19,87	-18,77	-2,20	-13,61	-11,10
Transformação	6,11	0,85	-5,04	-2,20	-2,13	-0,33
Construção Civil	6,77	3,43	-5,47	-2,90	-1,65	-1,72
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	5,94	4,87	1,10	4,90	3,62	4,85
Serviços	2,27	4,00	3,00	4,50	3,83	3,33
Comércio	-1,55	8,13	5,24	4,10	5,82	4,96
Alojamento e Alimentação	2,93	10,48	9,43	5,80	8,57	7,54
Transportes	4,13	5,40	1,92	11,60	6,31	3,93
Intermediação Financeira	5,86	3,77	3,49	7,30	4,85	4,67
Administração Pública	1,83	1,46	1,36	1,90	1,57	1,57
Outros Serviços	4,52	3,02	2,75	5,40	3,72	3,61
VA a preços básicos	3,87	3,91	3,08	5,70	4,23	3,83
PIB pm	3,76	3,93	3,04	5,60	4,19	3,78

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Analisando os setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, a Agropecuária apresentou no terceiro trimestre de 2014, em comparação com o mesmo período de 2013, um crescimento de 51,22%. Este alto crescimento deveu-se a uma base de comparação baixa verificada nos dois anos anteriores em decorrência de períodos de seca, quando no terceiro trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, verificou-se uma queda de

3,11%. Já a Indústria decresceu 0,70%, apresentando um desempenho bem inferior para o mesmo período de 2013, quando obteve um crescimento de 6,98%. O setor de serviços cresceu 4,50% puxado pelo bom desempenho das atividades de Comércio, que registraram, para o mesmo período, crescimento de 4,10%, e Alojamento e Alimentação, com um crescimento de 5,80%.

4 ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL

4.1 Agropecuária

O Ceará vem enfrentando um longo período de seca, quando o índice de pluviosidade para o estado registrando valores abaixo da média, desde 2009. Todavia, vale ressaltar que nos anos de 2013 e 2014 as ocorrências de chuvas foram maiores do que nos anos de 2011 e 2012. Por esse baixo volume de chuvas, o setor da agropecuária do Ceará vem apresentando comportamentos de grandes oscilações visto que a agricultura do estado apresenta grande dependência das chuvas por sere, predominantemente, produção agrícola de sequeiro. Sendo assim, nos anos de 2009 e 2010 o setor agropecuário do Ceará apresentou queda no valor agregado, recuperando-se, em 2011, quando registrou variação positiva. Em 2012, voltou a registrar forte retração e nos anos de 2013 e 2014 vem-se recuperando.

Observando-se o acumulado das chuvas para o ano de 2014, de janeiro a setembro, constata-se que o índice está um pouco acima da média de 2013, pois em 2014 choveu 575,1 milímetros e em 2013 esse valor foi de 551,2 milímetros. Porém, vale ressaltar que esse volume de chuvas fica bem abaixo da média normal de pluviosidade do estado, resultando em um desvio percentual de 28,6%, em 2014, e de 31,5% em 2013.

Com relação à distribuição de chuvas nas regiões cearenses, as regiões do Litoral do Pecem, Litoral Norte e Ibiapaba tiveram uma quantidade de chuva menor no ano de 2014, comparado ao ano de 2013. As regiões do Cariri, Baturité e Litoral de Fortaleza tiveram os maiores volumes de chuvas em 2014, superando a quantidade ocorrida em 2013.

Com relação a média normal, a pluviosidade da região de Litoral Norte foi a que apresentou maior desvio (-41,1%), seguido de Ibiapaba (-38,0%) e Litoral de Fortaleza (-35,3%).

Tabela 4.1: Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas no ano de 2013 e 2014

Macrorregião	2013			2014		
	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)
Cariri	910.2	748.5	-17.8	910.2	856.9	-5.9
Maciço de Baturité	960.5	683.1	-28.9	960.5	719.1	-25.1
Litoral de Fortaleza	1086.3	607.7	-44.1	1086.3	702.8	-35.3
Litoral de Pecem	877.5	619.5	-29.4	877.5	578.2	-34.1
Litoral Norte	977.9	665.1	-32.0	977.9	575.7	-41.1
Ibiapaba	885.2	558.9	-36.9	885.2	549.3	-38.0
Jaguaribana	768.0	610.7	-20.5	768.0	531.7	-30.8
Sertão Central e Inhamuns	681.2	418.3	-38.6	681.2	491.2	-27.9
Ceará	804.9	551.2	-31.5	804.9	575.1	-28.6

Fonte: FUNCEME. Elaboração IPECE.

Outro fato importante diante desses anos de seca foi o nível dos reservatórios de água do Ceará. Atualmente, segundo a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), o estado, até o dia de 24 de novembro, possuía apenas 22,98% da capacidade de armazenamento de água, ou seja, 4,3 bilhões de metros cúbicos. Dentre as regiões, a situação mais vulnerável está em Sertões de Crateús, com apenas 0,98% da capacidade de armazenamento. Em seguida está a região do Curu, com 3,24% da capacidade total em seus 13 açudes. Em melhor situação está a região do Alto Jaguaribe, com 43,23% da capacidade total de armazenamento de água.

Atualmente, dos 149 açudes cearenses monitorados, 126 encontram-se com volume abaixo de 30% da capacidade. O açude Gavião, na Região Metropolitana de Fortaleza, apresenta-se com sua capacidade acima de 90%, por ser o reservatório de abastecimento de água para a Região Metropolitana de Fortaleza.

Quadro 4.1: Capacidade e volume de armazenamento das Bacias Hidrográficas do Ceará - 2014

Regiões	Quantidade de açudes monitorados	Capacidade (m ²)	Volume (m ²)	Volume (%)
Acaraú	14	1.759.633.000	277.247.963	15,87
Alto Jaguaribe	23	2.833.671.799	1.225.224.644	43,23
Baixo Jaguaribe	1	24.000.000	795.656	3,32
Banabuiú	19	2.803.114.745	273.859.739	9,81
Coreaú	9	297.090.000	54.399.704	18,72
Curu	13	1.029.281.000	33.318.427	3,24
Litoral	10	215.763.393	26.712.319	12,38
Médio Jaguaribe	15	7.401.560.057	1.924.607.500	26,01

Metropolitanas	19	1.383.975.520	325.153.245	23,53
Salgado	15	492.058.025	133.309.943	27,21
Serra da Ibiapaba	1	136.760.152	39.678.512	28,14
Sertões de Crateús	10	450.013.764	4.426.249	0,98
Ceará	149	18.826.921.455	4.318.733.901	22,98

Fonte: COGERH. Elaboração IPECE.

As estimativas realizadas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE¹ para a produção de grãos no Ceará apontam para um crescimento de produção de 2014, comparada a produção obtida em 2013, indicando um melhor desempenho da agropecuária no ano corrente. Merece destaque o aumento da produção das culturas de milho e feijão, que deverão registrar variação de 190,45% e 120,92%, respectivamente. O arroz foi o único grão a indicar queda na produção em 2014, comparada à quantidade produzida em 2013.

Esse melhor desempenho da produção de grãos está relacionado com as chuvas ocorridas de forma mais intensa nos primeiros meses do ano, principalmente nas regiões do Cariri e Maciço do Baturité, proporcionando uma maior colheita de milho e feijão.

Também verificou-se crescimento para a produção de fava, algodão e mamaona em 2014, com relação aos valores obtidos em 2013 (Tabela 4.2).

Tabela 4.2: Produção obtida e estimativa de Grãos (em toneladas) no Ceará - 2013-2014

Produção de Grãos	Produção 2013 *	Estimativa 2014	Variação (%) 14/13
Arroz	49.268	40.428	-17,94
Feijão	55.635	122.907	120,92
Milho	132.613	385.176	190,45
Sorgo	1.270	1.685	32,68
Fava	1.616	3.190	97,40
Algodão	1.461	1.673	14,51
Mamona	1.161	2.246	93,45

Fonte: IBGE. Elaboração IPECE. Nota: (*) O valor de 2013 refere-se à produção obtida e o valor de 2014 corresponde a estimativa.

Quanto a produção de frutas, as estimativas para 2014 indicam aumento, explicado pelo fato dessas atividades serem menos dependente de chuva (culturas irrigadas) e por terem suas colheitas mais concentradas no segundo semestre do ano. Relativamente à produção de 2013, observa-se que apenas maracujá e abacaxi tiveram estimativas de queda de produção em 2014. Destaca-se a produção de coco-da-baía (água) e melão em 2014, cujas estimativas

¹ As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começam o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita, a cada mês da fase de tratamentos culturais, a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

indicam um crescimento de 101,81% e 85,25%, respectivamente, comparada a 2013. Destaque também para o aumento da produção de castanha de caju (66,16%), goiaba (29,75%) e coco-da-baía (seco) (27,04%) (Tabela 4.3).

Tabela 4.3: Produção obtida e estimativa de Frutas (em toneladas) no Ceará - 2013-2014

Produção de Grãos	Produção 2013 *	Estimativa 2014	Varição (%) 14/13
Acerola	15.232	16.670	9,44
Banana	375.344	459.854	22,52
Goiaba	14.081	18.270	29,75
Laranja	13.554	16.689	23,13
Mamão	117.363	128.665	9,63
Manga	46.599	52.597	12,87
Maracujá	213.908	173.225	-19,02
Melancia	68.897	84.058	22,01
Melão	212.362	393.400	85,25
Castanha de caju	52.973	88.022	66,16
Abacaxi **	11.247	10.555	-6,15
Coco-da-baía (seco)	101.938	129.500	27,04
Coco-da-baía (água)	104.140	210.167	101,81

Fonte: IBGE. Elaboração IPECE. Notas: (*) O valor de 2013 refere-se a produção obtida e o valor de 2014 corresponde a estimativa. (**) Produção em mil frutos.

4.2 Indústria

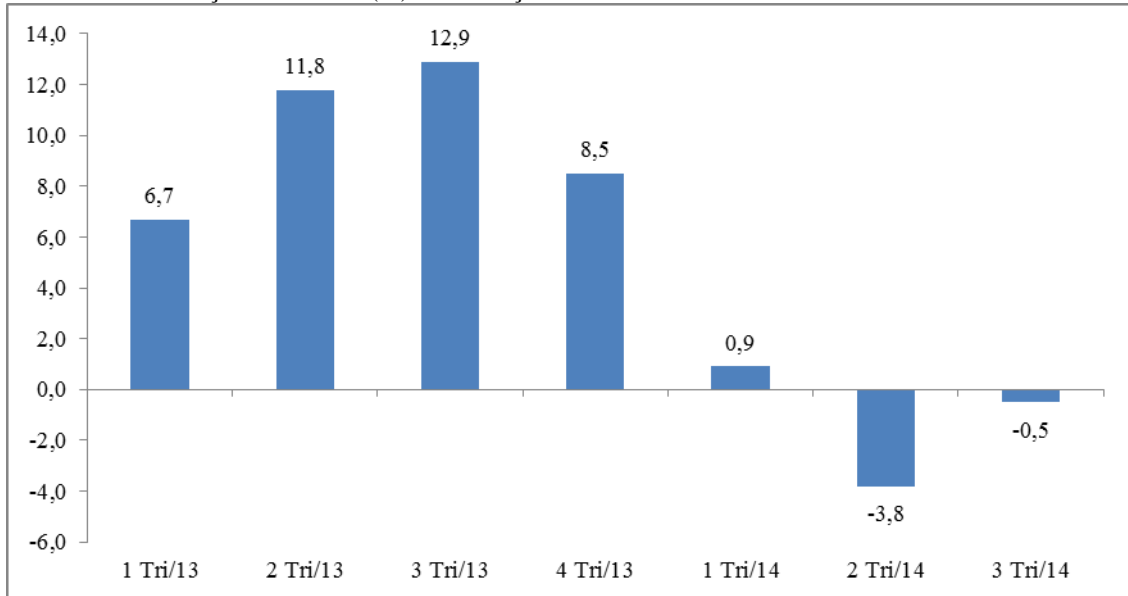
Indústria de Transformação – Produção Física

No terceiro trimestre de 2014, a indústria de transformação cearense novamente registrou redução na produção. De acordo com o indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE)², entre os meses de julho e setembro de 2014, a indústria local apresentou uma queda na produção de 0,5% sobre igual trimestre de 2013. Os números são apresentados no Gráfico 4.1.

O comportamento trimestral foi determinado pelos resultados negativos dos meses de julho e agosto, que apresentaram reduções de 1,6% e 1,3%, respectivamente, quando comparados aos mesmos meses do ano passado. Na verdade, ao longo do ano, em apenas três meses, fevereiro (8,0%), maio (0,3%) e setembro (1,2%) a indústria apresentou resultado positivo na produção. O Gráfico 4.2 apresenta a trajetória dos últimos anos.

² É importante destacar que a Pesquisa Industrial Mensal – produção física (PIM-PF) passou por uma reformulação. Seu ano base passou de 2002 para 2012 e nesta mudança aconteceram algumas alterações importantes: a) adoção da CNAE 2.0; b) atualização da amostra de setores, produtos e informantes; e c) atualização da estrutura de ponderação dos índices. Maiores informações em http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2014_05_20_reformulacao_pim_pf.shtm

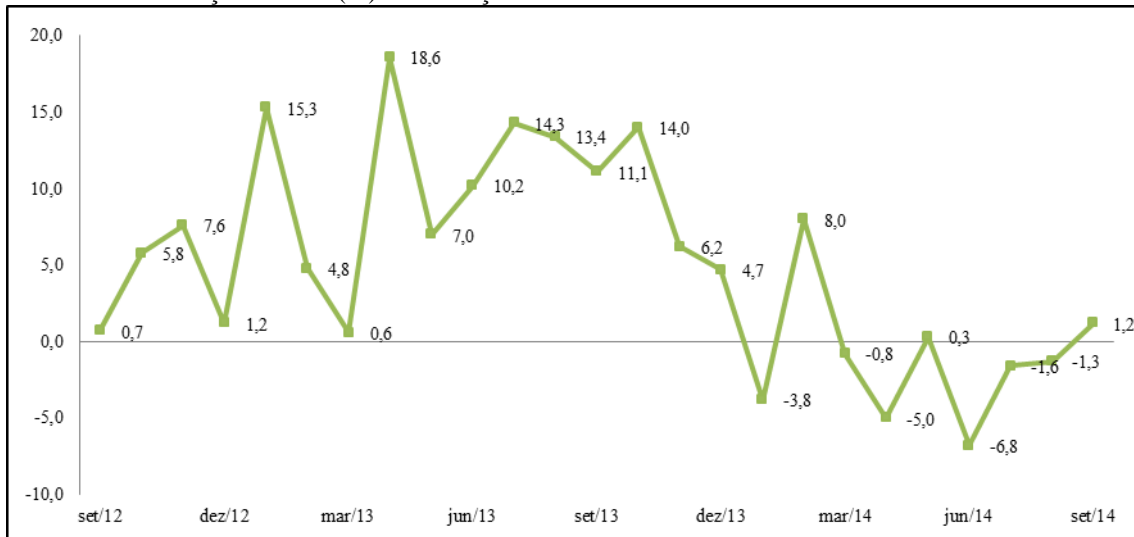
Gráfico 4.1: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2013 e 2014



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

Gráfico 4.2: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial - Ceará - Set./2012 - Set./2014



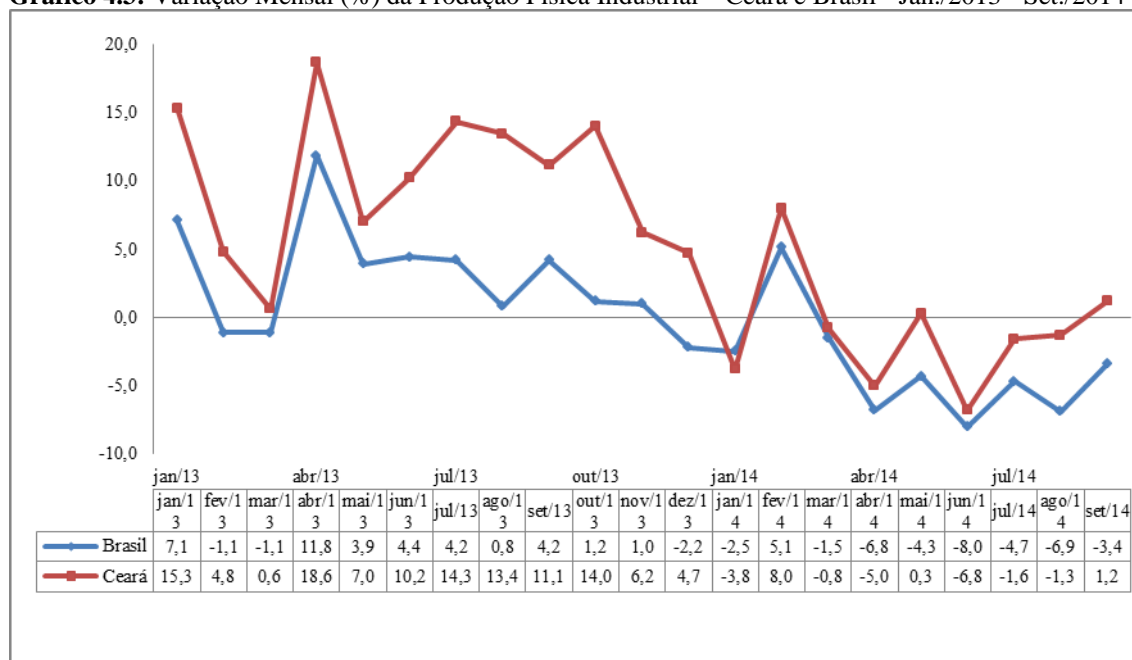
Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Diferente dos últimos períodos, no terceiro trimestre do ano a indústria local se descolou da trajetória seguida pela indústria nacional. De fato, no período a indústria nacional apresentou

uma redução mais intensa na produção em relação a 2013, -3,7%. O Gráfico 4.3, a seguir, apresenta as taxas e as trajetórias.

Gráfico 4.3: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil - Jan./2013 - Set./2014



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

O resultado para indústria de transformação cearense no acumulado do ano até setembro foi uma retração de 1,1%, resultado bastante diferente do alcançado no mesmo período do ano anterior (expansão de 10,5%). De certa forma, o desempenho apresentado sofre o efeito da base de comparação elevada, retrato do bom ano de 2013. A performance estadual foi superior à registrada pelo país (-3,9%), mas inferior à observada para região Nordeste (-0,7%). Apesar das diferenças e a despeito da base de comparação, os percentuais registrados ratificaram um ambiente de menor dinamismo e retração na indústria nacional com repercussões no Ceará.

Entre os quatorze Estados pesquisados, dez deles acumulam resultados negativos da indústria em 2014. Entre os que apresentaram redução na produção, o Ceará é o que possui a terceira menor queda em relação ao mesmo período de 2013. Entre os destaques negativos, estão Bahia (-5,9%), Paraná (-5,8%) e São Paulo (-5,8%). Por outro lado, se diferenciam com resultados positivos as indústrias de Pernambuco (2,5%) e do Mato Grosso (1,6%).

A Tabela 4.4 traz os resultados para os Estados pesquisados, para o país e para região Nordeste considerando os anos de 2013 e 2014.

Tabela 4.4: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial - Brasil e Estados - 2013 e 2014

Brasil e Estados	Variação Mensal (2013)			Acumulado Ano (2013)	Variação Mensal (2014)			Acumulado Ano (2014)
	Jul	Ago	Set		Jul	Ago	Set	
Pernambuco	6,2	1,2	-5,1	-1,4	-4,3	-1,1	5,1	2,5
Mato Grosso	-1,0	0,0	7,3	-2,5	6,6	1,9	-0,5	1,6
Goiás	2,0	0,7	3,4	5,6	1,9	5,3	5,7	1,2
Pará	-0,4	-5,7	-6,7	-5,7	1,8	-1,7	1,5	0,4
Nordeste	12,4	5,9	2,4	6,0	-3,4	-4,4	1,7	-0,7
Amazonas	35,5	2,0	5,3	6,2	-4,1	-12,2	-4,6	-1,0
Ceará	14,3	13,4	11,1	10,5	-1,6	-1,3	1,2	-1,1
Santa Catarina	4,5	2,0	5,8	1,9	-3,2	-6,9	2,3	-1,9
Espírito Santo	-6,5	-2,2	4,8	-3,3	3,1	0,9	2,2	-3,0
Minas Gerais	0,5	-2,0	0,6	1,9	-5,3	-7,2	-1,3	-3,5
Brasil	4,2	0,8	4,2	3,7	-4,7	-6,9	-3,4	-3,9
Rio Grande do Sul	13,9	6,0	13,1	7,7	-10,6	-7,2	1,3	-4,5
Rio de Janeiro	5,5	-3,9	2,4	3,4	-4,4	-3,2	-12,3	-5,2
São Paulo	3,0	1,4	5,6	4,7	-6,1	-8,5	-6,9	-5,8
Paraná	4,2	4,0	6,9	2,8	-6,4	-10,6	-6,9	-5,8
Bahia	15,3	7,6	8,1	10,1	-7,9	-10,3	-5,1	-5,9

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

Resultados Setoriais

O resultado para indústria cearense reflete o comportamento apresentado pela maioria dos segmentos que a compõem. De fato, entre onze atividades pesquisadas, oito apresentaram resultados negativos para o terceiro trimestre. A mesma quantidade de segmentos é observada quando se considera o acumulado do ano em relação a igual período de 2013.

Os resultados podem ser explicados por alguns motivos principais. Um deles é a elevada base de comparação em que se configurou o ano de 2013, período de retomada da indústria. Entretanto, o de maior gravidade, é que os resultados dos últimos trimestres, e do acumulado do ano, explicitam o momento difícil para indústria que se configura o ano de 2014, no qual a indústrias nacional e cearense registram maus desempenhos influenciados, dentre outros, por problemas estruturais de competitividade.

Neste contexto, segmentos importantes da indústria local acumulam resultados negativos, consequência de trimestres seguidos de redução na produção física. São os casos dos setores de Fabricação de produtos têxteis, de Fabricação de calçados e artigos de couro, e de Fabricação de bebidas que registraram reduções de 22,6%, 1,7% e 1,9%, respectivamente, nos nove meses de 2014 em relação ao mesmo período do ano anterior. Quanto ao setor Têxtil, a concorrência com os produtos importados ajuda a entender a situação. Já para o setor de Calçados e couros o fator explicativo está associado com o comportamento da concorrência interna e externa com produtos de outros países ou de outros Estados.

Por outro lado, algumas atividades se diferenciam com resultados positivos em um ambiente de retração para a maioria do setor. No ano, destacam-se a produção de alimentos e de derivados de petróleo, com expansões de 8,8% e 15,0%, respectivamente. A Tabela 4.5 apresenta os números.

Tabela 4.5: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial por Setores – Ceará – 2013 e 2014

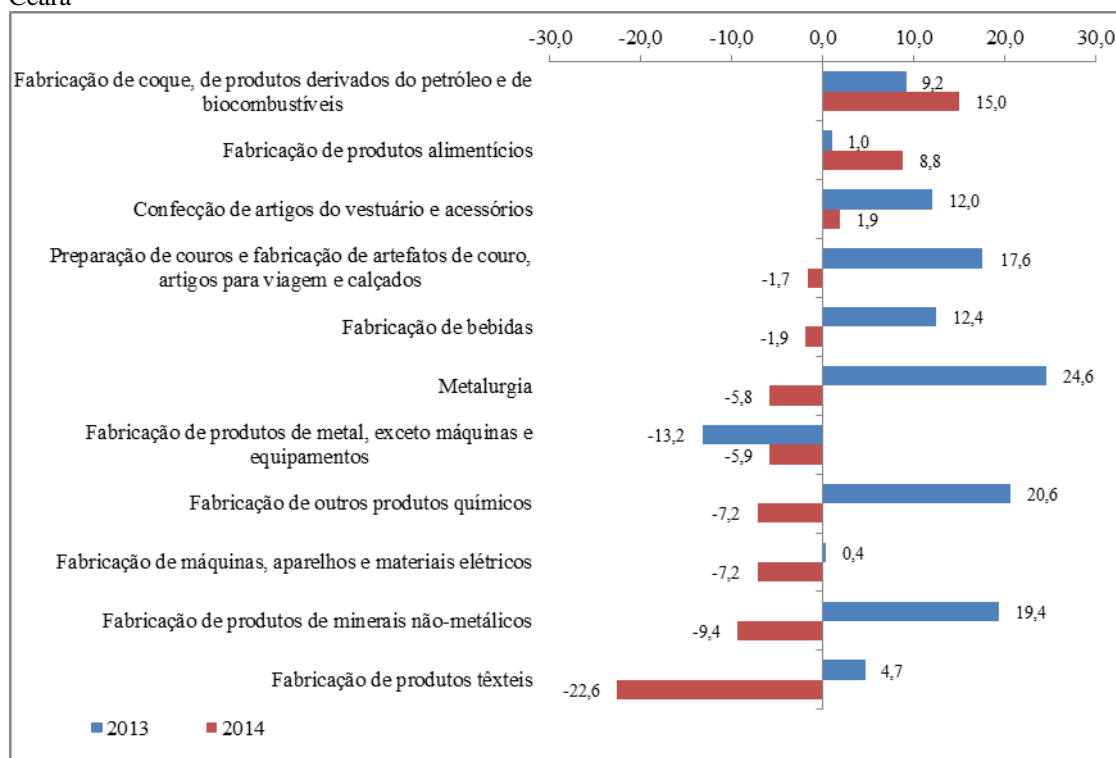
Setores	Variação Trimestral (2013)			Acumulad o Ano (2013)	Variação Trimestral (2014)			Acumulad o Ano (2014)
	2013. I	2013.I I	2013.II I		2014. I	2014.I I	2014.II I	
Indústrias de transformação	6,7	11,8	18,7	10,5	0,9	-3,8	-0,5	-1,1
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	4,4	7,7	8,9	9,2	16,5	19,8	9,6	15,0
Fabricação de produtos alimentícios	-5,5	3,1	5,6	1,0	9,0	7,9	9,4	8,8
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-2,0	16,4	25,1	12,0	20,4	-8,5	-1,5	1,9
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	18,8	18,7	29,5	17,6	-7,3	-4,1	5,7	-1,7
Fabricação de bebidas	12,4	9,8	23,3	12,4	7,2	-0,1	-11,3	-1,9
Metalurgia	26,3	38,3	13,2	24,6	-10,7	-3,9	-3,1	-5,8
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-20,3	-8,4	-2,2	-13,2	9,1	-7,6	-17,3	-5,9
Fabricação de outros produtos químicos	13,3	20,3	34,2	20,6	-8,3	-17,0	-0,3	-7,2
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-9,2	-0,4	18,0	0,4	0,8	-17,9	-4,4	-7,2
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	24,1	23,5	13,9	19,4	-4,4	-15,0	-8,5	-9,4
Fabricação de produtos têxteis	0,6	3,8	9,9	4,7	-21,5	-23,5	-22,8	-22,6

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

O desempenho de cada setor industrial da economia cearense pode ser mais bem visualizado através do Gráfico 4.4, a seguir, que compara a taxa de crescimento acumulada para os anos de 2013 e 2014.

Gráfico 4.4: Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Industrial por Setores Industriais- 2013 e 2014 - Ceará



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

Emprego na Indústria

Os indicadores do mercado de trabalho para indústria cearense, fornecidos pela Pesquisa Industrial Mensal de Empregos e Salários (PIMES/IBGE), registraram resultados negativos para o acumulado do ano. Pessoal ocupado, número de horas trabalhadas e folha de pagamento real registraram taxas negativas de, respectivamente, -1,9%, -1,6% e -2,5%, entre janeiro e setembro de 2014 em relação a igual período de 2013. A Tabela 4.5 apresenta os dados trimestrais e para o acumulado de 2014.

Tabela 4.5: Variação Trimestral (%) da Folha de Pagamento Nominal, Pessoal Ocupado Assalariado e Número de Horas Pagas – Ceará.

Indicador	Variação Trimestral (2013)			Acumulado Ano (2013)	Variação Trimestral (2014)			Acumulado Ano (2014)
	2013.I	2013.II	2013.III		2014.I	2014.II	2014.III	
Pessoal ocupado assalariado	-0,7	-0,4	-1,6	-0,9	-1,2	-1,6	-3,0	-1,9
Folha de pagamento real	3,0	2,3	2,9	2,7	-1,0	-0,8	-3,0	-1,6

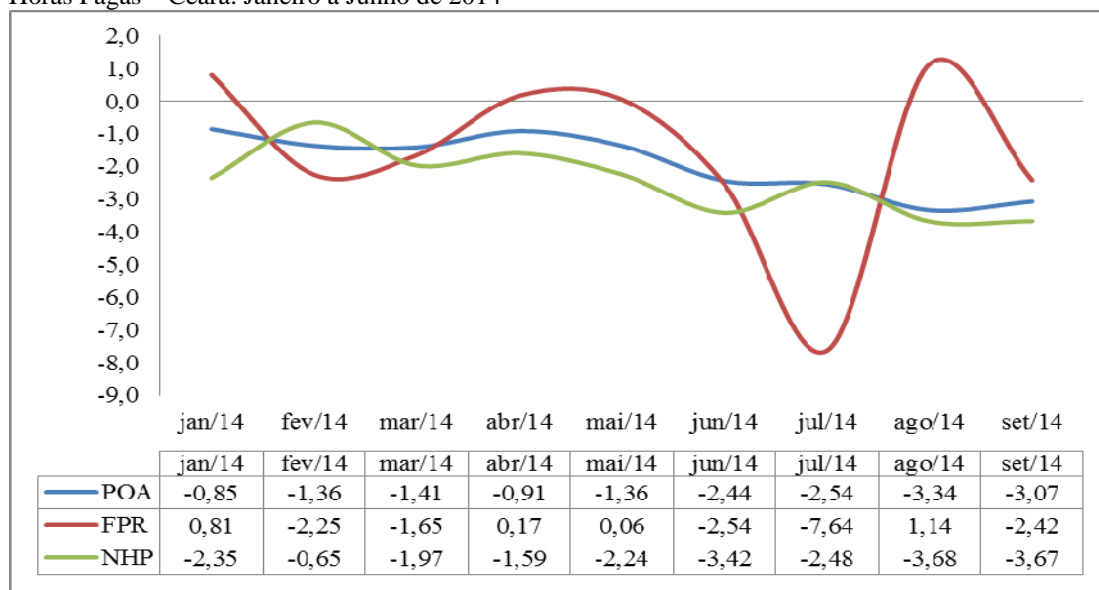
Número de horas pagas -0,8 -0,5 -1,1 -0,8 -1,7 -2,4 -3,3 -2,5

Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração: IPECE. Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Pessoal ocupado e número de horas pagas mantiveram suas trajetórias em terreno negativo, preservando um comportamento presente em todo ano de 2013 e início de 2014. Tais resultados são coerentes com o comportamento da produção para o período. Em conjunto, os indicadores podem ser lidos como indicadores antecedentes do que pode acontecer com a produção no futuro próximo. O mesmo é válido para o estoque de trabalhadores quando se considera apenas o número de horas pagas. Neste sentido, as expectativas continuam desfavoráveis ao final do terceiro trimestre, assim como estavam no final do primeiro semestre.

A folha de pagamento nominal também registrou resultados negativos no acumulado até setembro. Tal movimento indica uma nova realidade para os ganhos salariais na atividade industrial, mais compatível com um ambiente de redução no ritmo da produção, no estoque e na intensidade de uso do fator trabalho. O momento atual pode ser de ajuste, o que de certa forma reduz a pressão de custos sobre a atividade industrial. O Gráfico 4.5 apresenta a trajetória.

Gráfico 4.5: Variação Mensal (%) da Folha de Pagamento Nominal, Pessoal Ocupado Assalariado e Número de Horas Pagas – Ceará. Janeiro a Junho de 2014



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE. POA – Pessoal Ocupado Assalariado, FPR – Folha de Pagamento Real, NHP – Número de Horas Pagas. Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

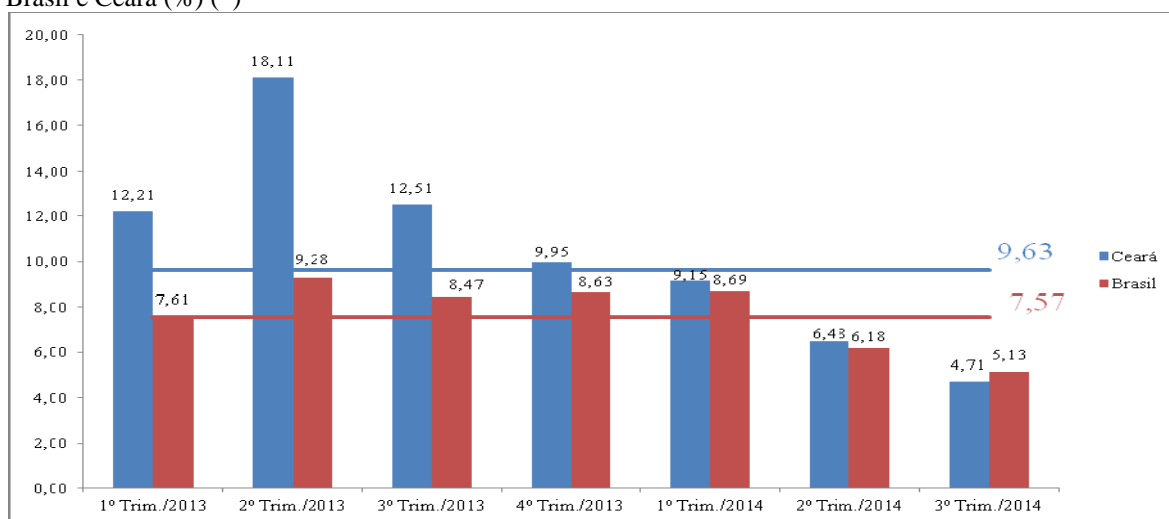
Após um primeiro trimestre de leve expansão, os resultados assinalados nos trimestres seguintes de 2014 revelam um momento de retração da indústria. As encomendas para final de ano aliviaram a situação, mas não foram suficientes para recolocar a produção em crescimento. Apesar das medidas de estímulo adotadas em nível nacional, a indústria brasileira e, em particular, a cearense não conseguem retomar um crescimento consistente e continuam a sofrer com a concorrência internacional e com questões estruturais que reduzem o poder de competição. Tal quadro pode estar sendo potencializado, ainda, pelo ambiente de deterioração das expectativas e de incertezas no tocante à condução da política econômica. Considerando o mercado de trabalho, o comportamento dos indicadores não sinaliza para uma aceleração da produção industrial e o ano pode ser de encolhimento dessa atividade no Estado.

4.3 Serviços

4.3.1 Pesquisa Mensal dos Serviços

Evolução da Receita Nominal de Serviços

A análise dos indicadores desta atividade econômica toma como base os dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgados mensalmente pelo IBGE. Identificou-se que o setor de serviços vem apresentando uma redução no ritmo de crescimento comparada aos trimestres anteriores. No terceiro trimestre registrou-se um crescimento de 4,71% comparado com o mesmo trimestre do ano passado, diferente do crescimento obtido no segundo trimestre de 2013 que foi de 6,48%. Vale ressaltar que a taxa de crescimento mais recente foi menor do que a registrada no segundo trimestre de 2013, como pode ser observado no Gráfico 4.6, abaixo.

Gráfico 4.6: Evolução da variação mensal da receita nominal de serviços – 1º Trim./2013 a 3º Trim./2014 - Brasil e Ceará (%) (*)

Fonte: PMS (IBGE). Elaboração IPECE.

(*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

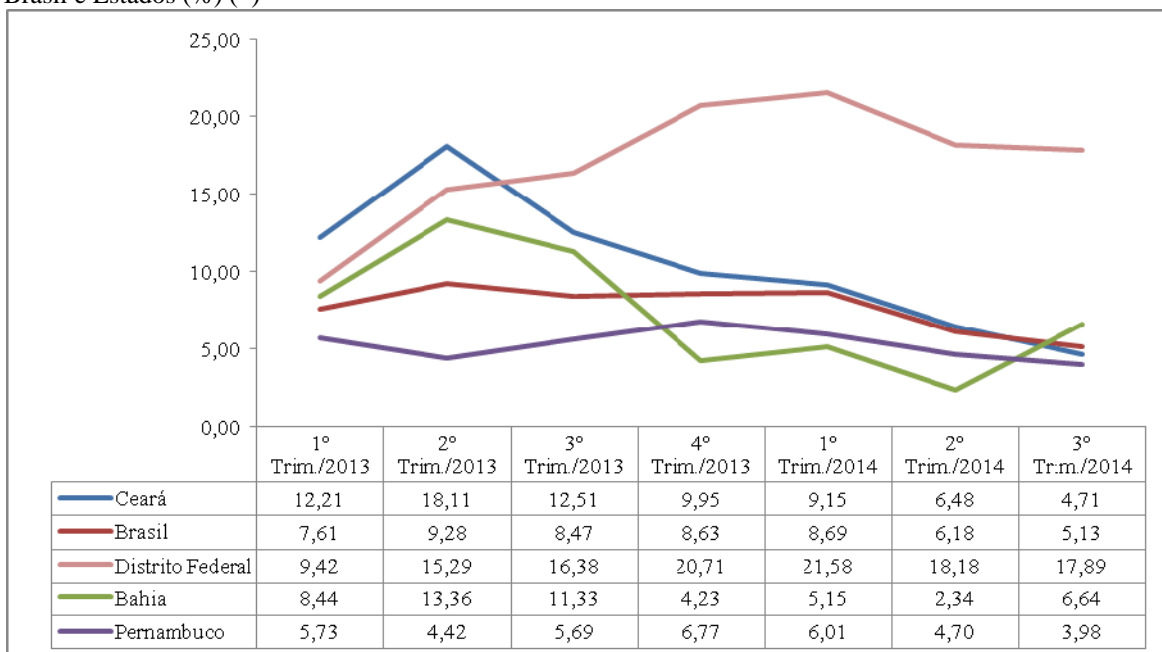
Receita Nominal de Serviços no Contexto Nacional

No que concerne à evolução trimestral do setor de serviços, o Brasil encontra-se num patamar inferior ao registrado no trimestre anterior, com a série apresentando uma tendência de desaceleração no seu ritmo de crescimento.

Como vem sendo destacado nas versões anteriores da carta de conjuntura, o estado do Ceará, apesar de ter registrado crescimento de 4,71% no 3º trimestre de 2014, apresenta uma desaceleração do ritmo de crescimento da receita nominal de serviços, seguindo a mesma trajetória nacional.

Tomando por base uma comparação regional, o Ceará apresenta uma taxa de crescimento no setor de Serviços superior à registrada pelos demais estados do Nordeste, perdendo o primeiro lugar apenas para o estado da Bahia no último trimestre. (Gráfico 4.7)

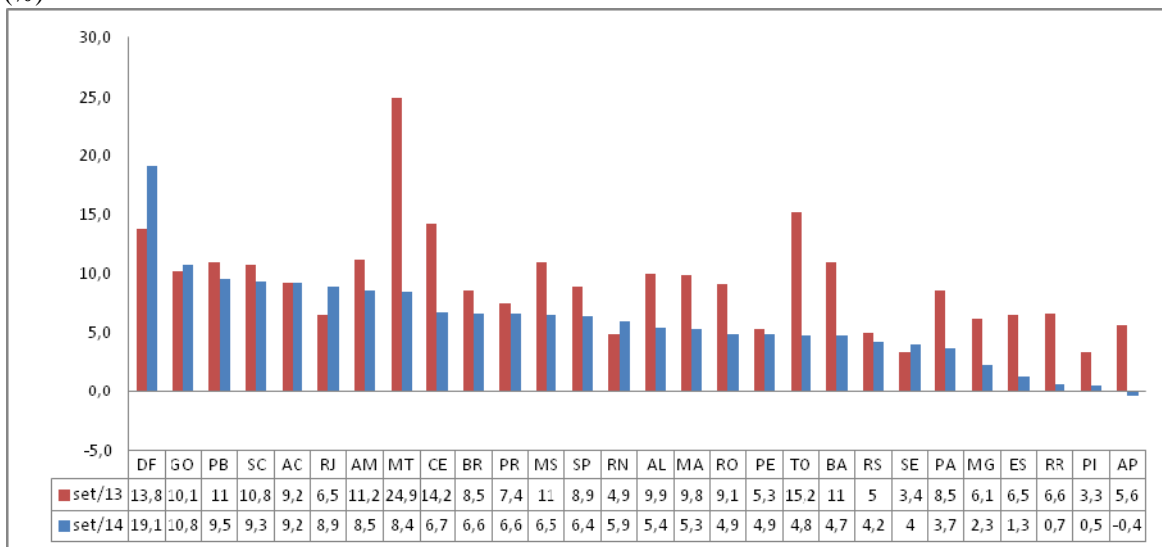
Gráfico 4.7: Evolução da variação trimestral da receita nominal de serviços – 1º Trim./2013 a 3º Trim./2014 - Brasil e Estados (%) (*)



Fonte: PMS (IBGE). Elaboração IPECE.

Por sua vez, no acumulado do ano os resultados obtidos pela atividade do setor terciário até o 3º trimestre de 2014 reforçam a baixa dinâmica que vem registrando desde o começo do ano de 2013. No Gráfico 4.8, abaixo, pode-se observar que a maioria dos estados brasileiros apresentaram taxas menores em 2014, na comparação com 2013.

Gráfico 4.8: Variação da receita nominal de serviços acumulada no ano –Setembro/2013-2014 - Brasil e Estados (%)



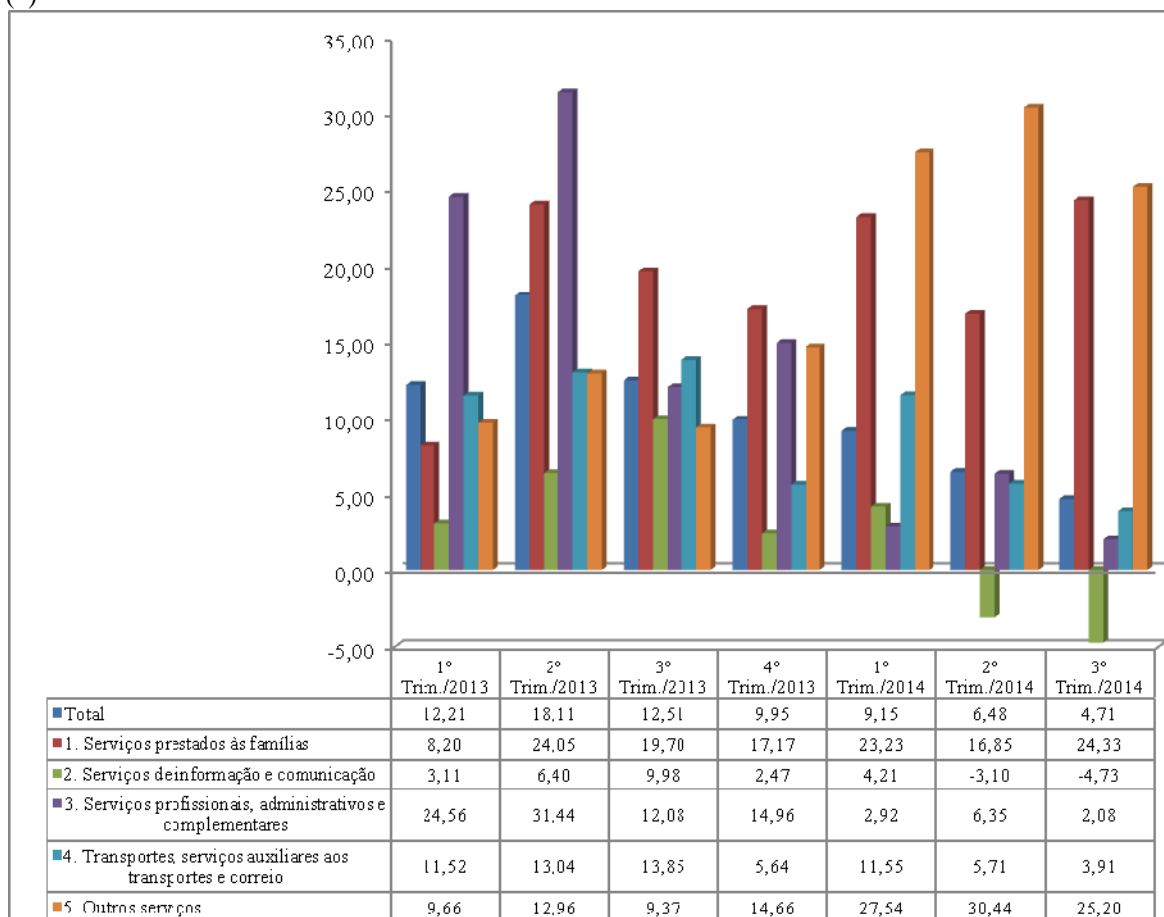
Fonte: PMS (IBGE). Elaboração IPECE. (*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

Receita Nominal de Serviços por Atividades

Analisando os resultados setoriais trimestrais cearense no ano de 2014, destaca-se que apenas o setor de serviços prestados às famílias, no 3º trimestre, apresentaram valores superiores aos dos períodos anteriores. Com efeito, esta atividade vem apresentando taxas positivas elevadas a partir do 3º trimestre de 2013. (Gráfico 4.9).

Pode-se perceber que entre os cinco setores avaliados apenas um registrou queda no segundo e terceiro trimestres (Serviços de informação e comunicação) e que os outros vêm apresentando fulgente desaceleração no ritmo de crescimento, o qual deverá se refletir no comportamento da trajetória de crescimento do índice geral do setor de Serviços, que já mostra uma desaceleração no ritmo de crescimento

Gráfico 4.9: Taxa de Crescimento da receita nominal de Serviços – Acum. no 1º Trim./2013-3º Trim 2014 (%)
(*)



Fonte: PMS (IBGE). Elaboração IPECE.

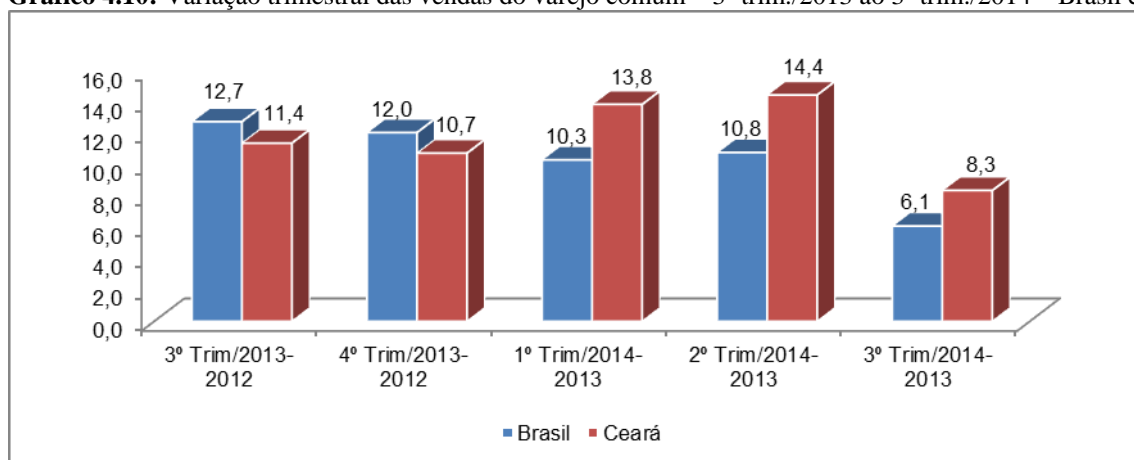
(*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

4.3.2 Comércio Varejista

Varejo Comum

Conforme dados da Pesquisa Mensal do Comércio divulgada mensalmente pelo IBGE a taxa de crescimento do varejo comum cearense no terceiro trimestre de 2013 foi de 11,4%, enquanto a do Brasil registrou 12,7%. No terceiro trimestre de 2014 essas taxas de crescimento passaram a ser de 8,3% e 6,1%, respectivamente, revelando desaceleração do ritmo de crescimento das vendas do varejo nacional e local.

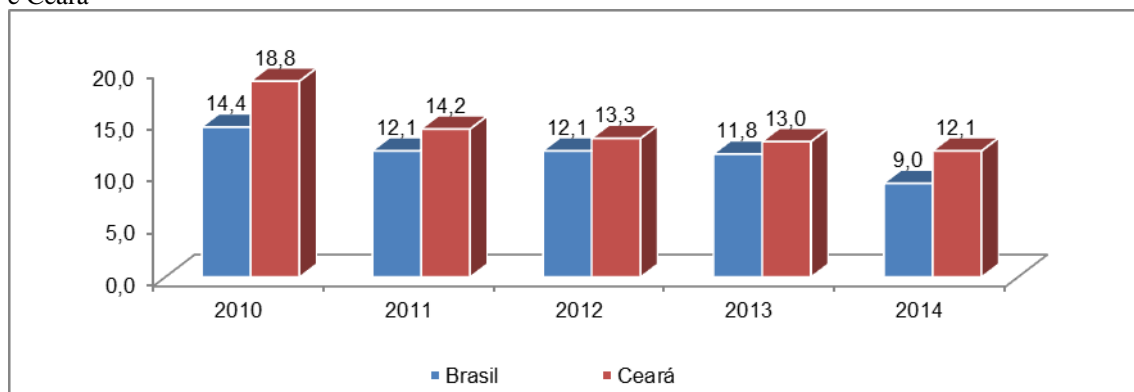
Gráfico 4.10: Variação trimestral das vendas do varejo comum – 3º trim./2013 ao 3º trim./2014 – Brasil e Ceará



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Pelo Gráfico 4.11 é possível observar que tanto o varejo nacional quanto o cearense experimentaram nítida redução da taxa de crescimento no acumulado do ano até o mês de setembro. O Ceará, que havia registrado variação de 18,8% em 2010, passou a registrar crescimento de 12,1%, em 2014, revelando uma desaceleração superior à que foi registrada pelo país.

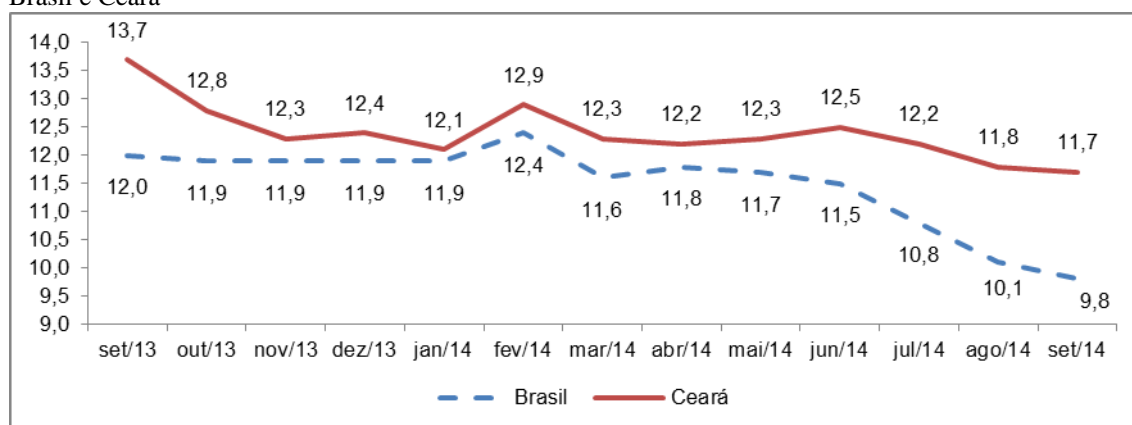
Gráfico 4.11: Variação das vendas do varejo comum no acumulado do ano até setembro – 2013 a 2014 – Brasil e Ceará



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Numa análise mais recente foi também possível notar que as vendas do varejo nacional e cearense mostraram queda no acumulado de 12 meses, quando a partir de junho de 2014 a desaceleração no varejo nacional foi maior que no varejo cearense.

Gráfico 4.12: Variação das vendas do varejo comum no acumulado de 12 meses até setembro – 2013 a 2014 – Brasil e Ceará



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

No terceiro trimestre de 2013 vinte e cinco estados registraram crescimento, com as maiores variações sendo registradas nos estados da Paraíba (11,12%), Rio Grande do Norte (10,88%), Alagoas (10,47%), Maranhão (10,06%) e Mato Grosso do Sul (9,81%). O estado do Ceará registrou o vigésimo primeiro maior crescimento, com variação de 3,06%. Os dois estados que apresentaram queda foram Roraima (1,97%) e Acre (0,23%).

Já no terceiro trimestre de 2014 dezoito estados registraram variação positiva, com Acre (17,53%), Roraima (10,80%), Rondônia (9,26%), Amapá (7,70%) e Maranhão (3,40%) registrando as maiores variações. Por outro lado, nove estados registraram queda, destacando-se os estados de Santa Catarina (-5,28%), Goiás (-3,19%), São Paulo (-2,43%), Distrito Federal (-1,56%) e Piauí (-1,35%) com as maiores reduções.

Tabela 4.6: Variação trimestral das vendas do varejo comum – 3º trim./2013 ao 3º trim./2014 – Brasil e Estados

Unidade da Federação	3º Trim/2013-2012	4º Trim/2013-2012	1º Trim/2014-2013	2º Trim/2014-2013	3º Trim/2014-2013
Acre	-0,23	11,24	12,08	11,47	17,53
Roraima	-1,97	0,24	-1,85	6,79	10,80
Rondônia	7,19	11,73	6,74	11,77	9,26
Amapá	1,70	2,35	7,03	9,17	7,70
Maranhão	10,06	10,92	9,96	7,19	3,40
Bahia	3,58	5,54	9,45	5,08	2,62
Rio de Janeiro	6,36	5,25	1,65	5,62	2,54
Mato Grosso do Sul	9,81	10,72	4,71	6,10	2,47
Ceará	3,06	4,22	8,95	8,64	2,36

Tocantins	5,25	3,83	10,02	7,52	1,96
Rio Grande do Sul	4,73	4,15	3,91	3,93	1,53
Alagoas	10,47	9,23	9,78	6,93	0,92
Paraíba	11,12	7,67	2,10	6,85	0,70
Minas Gerais	1,07	2,44	3,92	3,14	0,59
Pará	5,87	7,38	5,61	2,54	0,36
Mato Grosso	4,98	6,01	6,32	2,23	0,29
Rio Grande do Norte	10,88	7,99	5,17	4,29	0,20
Sergipe	2,60	2,49	3,67	1,09	0,19
Paraná	8,26	9,41	3,94	3,85	-0,12
Amazonas	5,32	8,03	2,23	1,32	-0,80
Pernambuco	9,33	6,74	5,65	5,74	-0,96
Espírito Santo	1,60	0,00	1,06	1,65	-1,18
Piauí	8,37	4,78	4,64	3,83	-1,35
Distrito Federal	3,79	4,78	3,10	2,65	-1,56
São Paulo	5,82	5,16	4,65	3,57	-2,43
Goiás	5,54	6,44	6,08	4,12	-3,19
Santa Catarina	5,02	3,82	2,61	1,75	-5,28
Brasil	5,48	5,30	4,46	4,06	-0,45

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

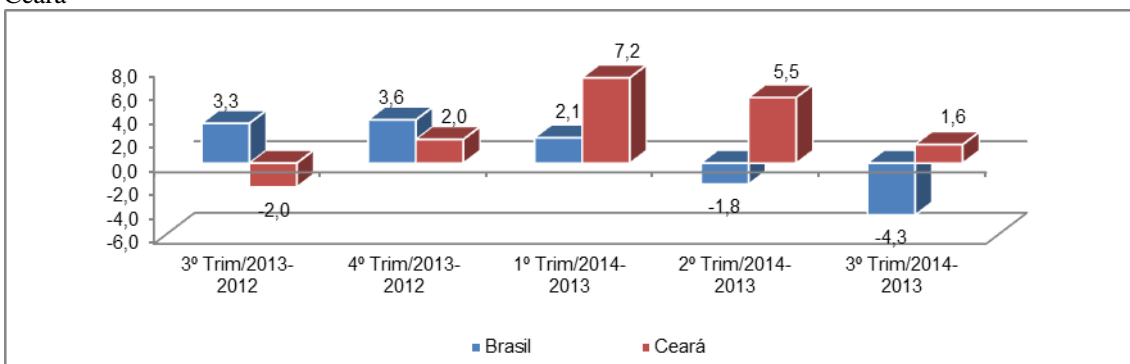
Varejo Ampliado

No terceiro trimestre de 2013 o varejo ampliado nacional registrou alta de 3,3% enquanto o varejo ampliado cearense registrou queda de 2,0%. Já no terceiro trimestre de 2014 o país registrou queda de 4,3% e o Ceará registrou alta de 1,6%. Observa-se, ainda, o comportamento de desaceleração no ritmo de vendas no varejo ampliado nacional e cearense ao longo dos três primeiros trimestres de 2014.

No acumulado do ano, o varejo ampliado cearense, que havia registrado crescimento de 16,2% no acumulado do ano até setembro de 2010, passou a registrar variação de 4,6% em 2014. Já o varejo nacional que registrou alta de 11,4% em 2010, passou a apresentar queda de 1,4% em 2014.

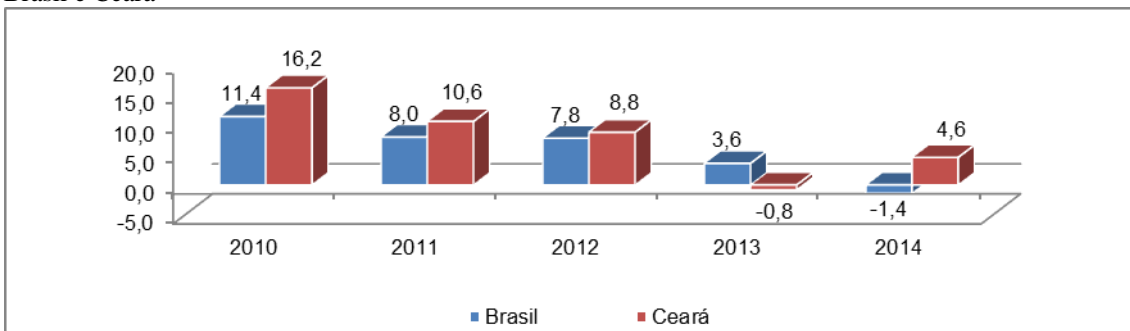
Pela análise do acumulado de 12 meses, enquanto o varejo nacional apresentou desaceleração entre setembro de 2013 e 2014, o varejo ampliado cearense apresentou recuperação no mesmo período.

Gráfico 4.13: Variação trimestral das vendas do varejo ampliado – 3º trim./2013 ao 3º trim./2014 – Brasil e Ceará



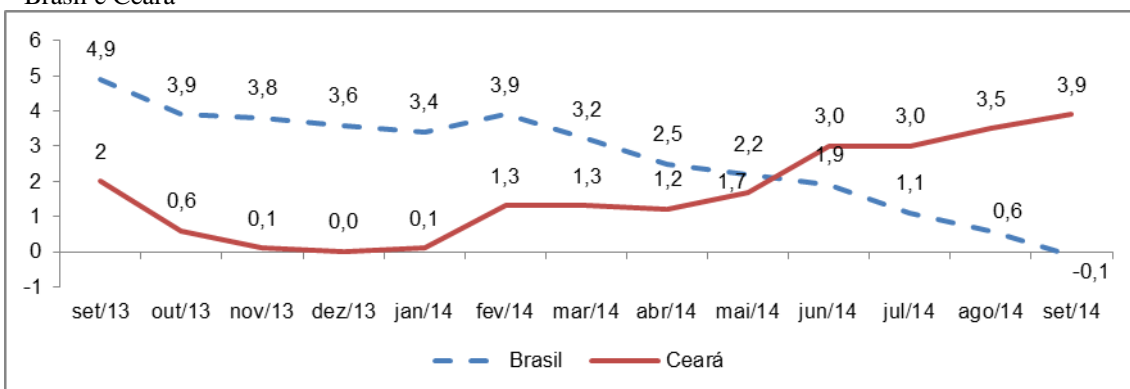
Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Gráfico 4.14: Variação das vendas do varejo ampliado no acumulado do ano até setembro – 2013 a 2014 – Brasil e Ceará



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Gráfico 4.15: Variação das vendas do varejo acumulado no acumulado de 12 meses até setembro – 2013 a 2014 – Brasil e Ceará



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

No terceiro trimestre de 2013 dezenove estados registraram crescimento no varejo ampliado, com as maiores variações sendo observadas nos estados da Paraíba (10,51%), Rio Grande do Norte (9,17%), Acre (7,84%), Rio Grande do Sul (7,82%) e Rio de Janeiro (7,10%). Outros

oito estados registraram queda com as maiores sendo observadas no Espírito Santo (4,03%), Amapá (3,17%), Rondônia (2,64%), Roraima (2,61%) e Ceará (1,99%).

Já no terceiro trimestre de 2014 apenas onze estados registraram crescimento comparado a igual período do ano anterior. As maiores altas foram registradas em Roraima (9,70%), Acre (6,33%), Tocantins (6,30%), Rondônia (5,78%) e Amazônia (2,33%). Por outro lado, dezesseis estados registraram queda, cujas maiores foram em São Paulo (10,72%), Paraná (5,0%), Goiás (4,77%), Distrito Federal (3,16%) e Espírito Santo (3,03%).

Tabela 4.7: Variação trimestral das vendas do varejo ampliado – 3º trim./2013 ao 3º trim./2014 – Brasil e Estados

Unidade da Federação	3º Trim/2013-2012	4º Trim/2013-2012	1º Trim/2014-2013	2º Trim/2014-2013	3º Trim/2014-2013
Roraima	-2,61	-2,03	-1,52	3,74	9,70
Acre	7,84	11,93	7,17	2,06	6,33
Tocantins	-1,05	-2,39	2,43	0,99	6,30
Rondônia	-2,64	-1,79	1,54	7,83	5,78
Amazônia	5,27	8,03	3,60	1,99	2,33
Ceará	-1,99	1,99	7,16	5,50	1,55
Paraíba	10,51	6,64	3,63	4,64	1,41
Pará	-0,18	0,71	2,44	-1,16	1,35
Maranhão	3,34	3,22	4,94	1,57	1,30
Sergipe	1,34	1,35	5,53	1,83	1,02
Amapá	-3,17	-4,90	-6,16	-0,64	0,14
Rio de Janeiro	7,10	5,99	2,61	1,42	-0,03
Minas Gerais	0,00	-4,26	-1,64	0,64	-0,13
Mato Grosso	2,41	1,90	4,21	-1,25	-0,22
Bahia	1,58	2,91	5,56	0,31	-0,50
Rio Grande do Norte	9,17	7,56	3,46	3,01	-0,70
Piauí	6,47	3,90	3,21	0,95	-0,91
Alagoas	3,14	8,39	7,91	4,25	-1,04
Santa Catarina	4,13	5,27	5,98	0,49	-2,05
Mato Grosso do Sul	4,04	4,63	-0,12	0,03	-2,10
Rio Grande do Sul	7,82	7,11	6,83	0,61	-2,48
Pernambuco	6,35	6,62	5,69	2,04	-2,67
Espírito Santo	-4,03	-4,98	-7,95	-2,38	-3,03
Distrito Federal	-1,23	0,29	5,39	0,36	-3,16
Goiás	3,91	2,48	-0,70	-1,40	-4,77
Paraná	6,75	7,65	1,07	-5,47	-5,00
São Paulo	2,12	3,96	0,64	-6,10	-10,72
Brasil	3,33	3,62	2,12	-1,76	-4,35

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Evolução das Vendas do Varejo por Setores

Pela análise de setores, nota-se que dos treze setores investigados sete registraram alta e seis registraram queda no terceiro trimestre de 2014. As maiores altas foram observadas em Material de construção (11,90%), Combustíveis e lubrificantes (9,11%), Outros artigos de uso

peçoal e doméstico (8,30%), Tecidos, vestuário e calçados (8,13%) e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (7,62%). A maior queda foi observada nas vendas de Livros, jornais, revistas e papelaria (11,77%).

Tabela 4.8: Variação trimestral das vendas do varejo por setores – 3º trim./2013 a 3º trim./2014 – Ceará

Setores	3º Trim/2013-2012	4º Trim/2013-2012	1º Trim/2014-2013	2º Trim/2014-2013	3º Trim/2014-2013
Material de construção	2,63	10,89	4,40	11,42	11,90
Combustíveis e lubrificantes	9,19	8,83	13,01	10,10	9,11
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	3,67	6,97	21,75	23,06	8,30
Tecidos, vestuário e calçados	7,05	8,05	12,00	6,13	8,13
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	15,98	7,25	2,52	-0,82	7,62
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-1,73	0,72	3,32	6,25	0,65
Hipermercados e supermercados	-1,40	0,93	3,74	7,25	0,46
Veículos, motocicletas, partes e peças	-12,11	-4,59	3,90	-2,51	-2,62
Móveis	23,74	24,80	23,07	7,55	-3,45
Móveis e eletrodomésticos	7,37	5,10	17,74	11,14	-4,45
Eletrodomésticos	-1,85	-5,86	13,67	13,24	-5,04
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,46	25,99	23,79	14,85	-9,66
Livros, jornais, revistas e papelaria	-6,21	-4,84	-1,49	-10,25	-11,77

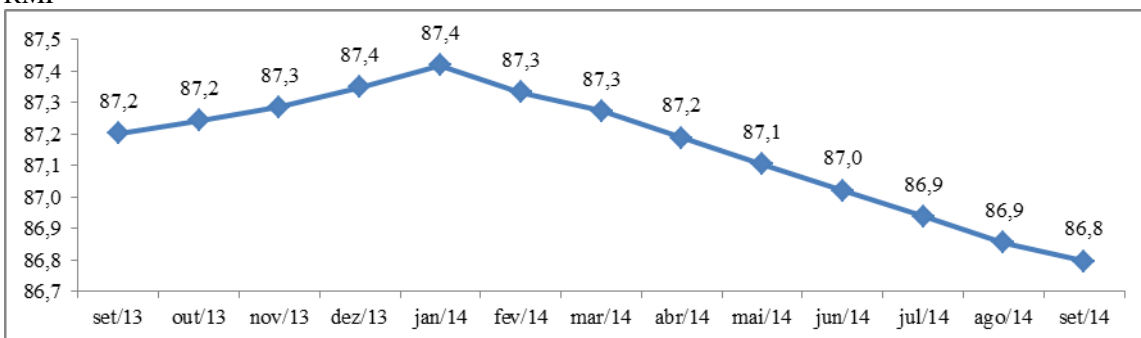
Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

5 MERCADO DE TRABALHO

5.1. Região Metropolitana de Fortaleza

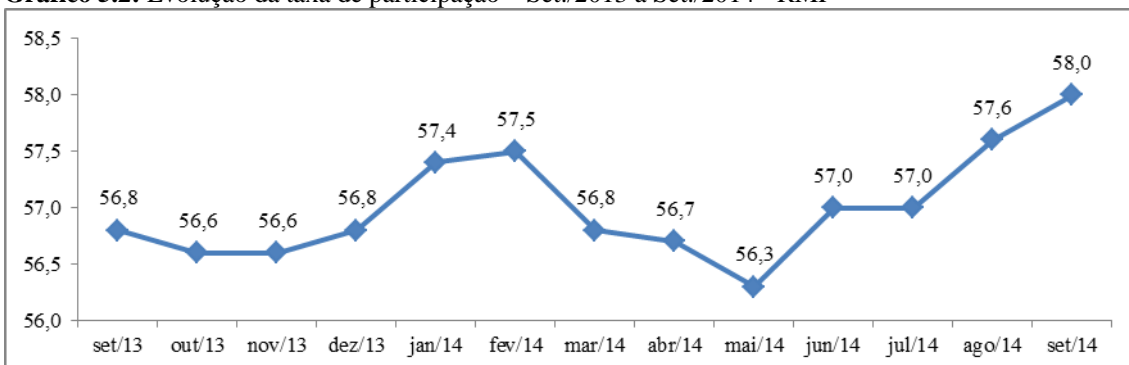
De acordo com os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) realizada mensalmente pelo SINE-IDT, a razão entre população em idade ativa (PIA)³³ e a população total na Região Metropolitana de Fortaleza que funciona como *proxy* para o comportamento do mercado de trabalho cearense registrou uma queda de participação, passando de 87,2% em setembro de 2013, para 86,8% em setembro de 2014. Isso mostra que o número de pessoas acima de dez anos cresceu a uma taxa abaixo do crescimento da população total, ou seja, ocorreu uma redução da variação na margem acima de dez anos.

³³ PIA significa população em idade ativa e representa a população acima de dez anos de idade.

Gráfico 5.1: Evolução da razão entre população em idade ativa e a população total – Set./2013 a Set./2014 - RMF

Fonte: IDT/Sine-CE e MTE/FAT. Elaboração IPECE.

Na análise do Gráfico 5.2 abaixo é possível perceber a evolução da taxa de participação na RMF que é um dos indicadores mais importantes do mercado de trabalho, dado pela razão entre a População Economicamente Ativa (PEA)⁴ e a População em Idade Ativa (PIA). Em setembro de 2013 a taxa de participação era de 56,8% da população acima de 10 anos, aumentando esse índice para 58% até setembro de 2014. Isso revela que no período ocorreu um forte aumento do total de pessoas ocupadas e em busca de emprego no período nesta faixa etária. Todavia, vale destacar que o crescimento ocorrido no período do total de pessoas ocupadas (3,2%) foi menor que o total de pessoas desempregadas a procura de emprego (8,6%). Isso revela um maior dinamismo do mercado de trabalho quando um maior número de pessoas aposta na chance de encontrar um novo emprego, revelando um maior grau de confiança na economia local.

Gráfico 5.2: Evolução da taxa de participação – Set./2013 a Set./2014 - RMF

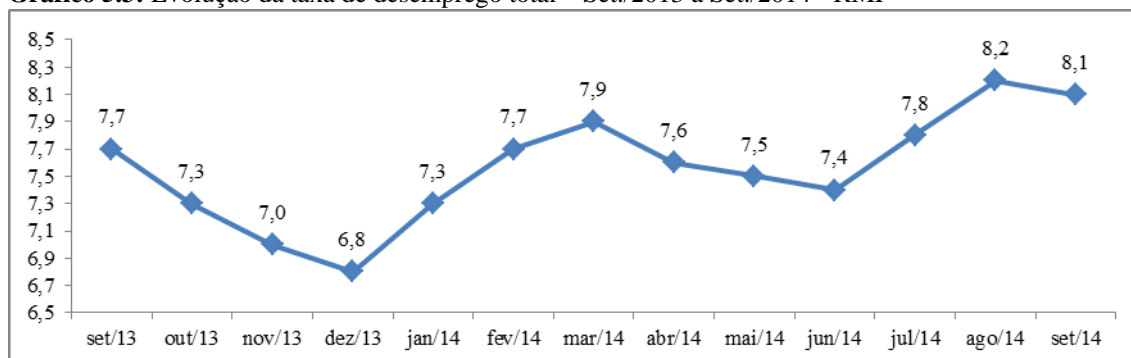
Fonte: IDT/Sine-CE e MTE/FAT. Elaboração IPECE.

Outro indicador de extrema importância do mercado de trabalho é a taxa de desemprego, dado pela relação entre o total de pessoas desocupadas sobre o total da população economicamente

⁴⁴ PEA significa população economicamente ativa e representa a população acima de dez anos de idade que estão ocupadas ou desempregadas, mas procurando emprego. Ou seja, representa a real oferta de força de trabalho no mercado.

ativa (PEA), que aumentou passando de 7,7% em setembro de 2013 para 8,1% em setembro de 2014, a segunda maior taxa do período considerado. Esse crescimento foi resultado principalmente do maior crescimento do total de pessoas a procura de empregos em relação ao total da população economicamente ativa confirmando o que foi dito antes, ou seja, maior confiança no mercado de trabalho.

Gráfico 5.3: Evolução da taxa de desemprego total – Set./2013 a Set./2014 - RMF

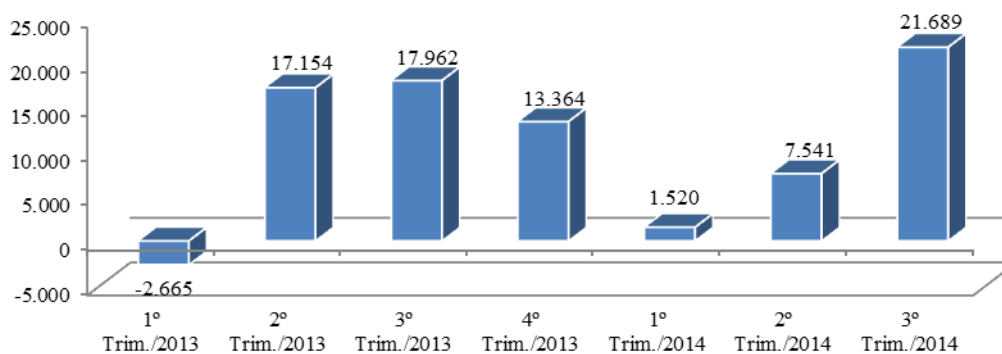


Fonte: IDT/Sine-CE e MTE/FAT. Elaboração IPECE.

5.2. Emprego Formal

De acordo com os dados divulgados mensalmente pelo CAGED do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) o saldo de novos empregos gerados no estado do Ceará no terceiro trimestre de 2013 foi de 17.962 vagas. Esse número cresceu para 21.689 novos postos, no terceiro trimestre de 2014, representando um avanço de 20,75% entre os dois períodos. Isso significou 3.727 vagas a mais na mesma comparação. Nota-se que a geração de novos postos de trabalho com carteira assinada tem sido crescente ao longo dos três trimestres de 2014. (Gráfico 5.4).

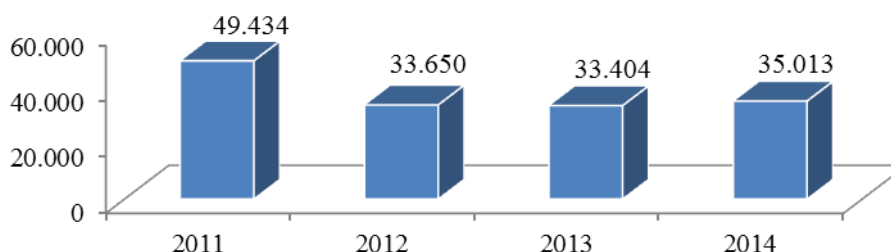
Gráfico 5.4: Evolução do saldo de empregos celetistas – 1º Trim./2013 ao 3º Trim./2014 - Ceará



Fonte: CAGED-MTE. Elaboração: IPECE.

Como resultado observou-se um crescimento no total de empregos também no acumulado do ano de 2014 frente ao observado nos últimos dois anos.

Gráfico 5.5: Evolução do saldo de empregos celetistas no acumulado do ano até setembro - 2011 a 2014 - Ceará



Fonte: CAGED-MTE. Elaboração: IPECE.

Ao se analisar a geração de novos postos de trabalho por estados nota-se, em primeiro lugar, que o total de empregos gerados no terceiro trimestre de 2014 pelo país foi de 237.006 novos postos, com apenas os estados de Minas Gerais (-15.644) e Rio Grande do Sul (-4.805) registrando fechamento de postos de trabalho no período.

Os estados que obtiveram maior saldo de novos empregos foram São Paulo (+49.268 postos), Pernambuco (+27.734 postos), Ceará (+21.689 postos), Paraná (+19.582 postos) e Alagoas (+18.376 postos), para listar os cinco maiores.

Tabela 5.1: Evolução do saldo de empregos celetistas – 1º Trim./2013 ao 3º Trim./2014 – Brasil e Estados

UF	1º Trim./2013	2º Trim./2013	3º Trim./2013	4º Trim./2013	1º Trim./2014	2º Trim./2014	3º Trim./2014
São Paulo	111.045	136.557	93.313	-164.718	105.104	60.459	49.268
Pernambuco	-28.470	-2.314	34.474	4.372	-13.289	-20.476	27.734
Ceará	-2.665	17.154	17.962	13.364	1.520	7.541	21.689
Paraná	44.430	33.907	29.984	-29.814	43.543	16.266	19.582
Alagoas	-25.440	-18.081	18.764	19.150	-14.811	-21.551	18.376
Rio de Janeiro	-599	27.406	25.002	11.870	-61	25.254	16.599
Para	-110	3.069	13.071	-3.672	-2.810	14.252	16.161
Santa Catarina	41.984	18.204	21.236	-12.642	52.622	6.678	11.779
Maranhão	-5.179	-1.838	8.024	-1.588	-8.023	1.441	10.911
Paraíba	-9.533	2.188	11.428	4.291	-1.244	341	9.838
Rio Grande do Norte	-3.700	69	9.664	590	351	-491	7.978
Goiás	25.714	31.054	9.858	-33.573	18.748	21.695	7.886
Bahia	-1.329	16.190	13.438	-4.694	12.045	6.523	7.128
Sergipe	-3.501	2.473	5.200	6.431	1.492	-881	5.411
Espírito Santo	603	9.000	6.061	-1.521	2.989	6.825	5.171
Mato Grosso	10.151	10.450	9.749	-17.126	12.568	4.952	4.976
Distrito Federal	6.286	1.901	3.583	-6.347	6.839	3.567	4.174
Tocantins	-624	243	1.328	-1.766	1.531	1.367	3.702
Mato Grosso do Sul	7.061	8.745	3.550	-6.010	5.951	955	3.349
Piauí	-884	5.187	2.347	-157	1.814	4.078	2.056
Roraima	-1.719	-629	897	-286	453	384	986
Amazonas	1.363	2.338	8.046	917	-3.055	-4.960	883

Amapá	480	528	979	-515	-2.044	-426	790
Acre	-938	1.190	326	-683	-636	578	589
Rondônia	-606	-1.002	878	-6.005	-1.467	1.840	439
Rio Grande do Sul	63.980	11.285	14.173	-7.993	49.779	-403	-4.805
Minas Gerais	36.996	77.503	16.844	-68.940	33.626	53.775	-15.644
Brasil	264.796	392.777	380.179	-307.065	303.535	189.583	237.006

Fonte: CAGED-MTE. Elaboração: IPECE.

Na comparação do terceiro trimestre dos anos de 2013 e 2014 pode ser observado que apenas oito estados registraram crescimento no saldo de novos postos de trabalho cujo maior crescimento foi observado no estado de Tocantins (178,77%), seguido por Acre (80,67%), Maranhão (35,98%), Pará (23,64%) e Ceará (20,75%). Vale destacar que o país registrou queda de 37,66% na mesma comparação.

No trimestre de 2014, os setores que mais contribuíram com a geração de novos postos de trabalho na economia cearense foram Serviços (+7.206 vagas), seguido pela Construção civil (+5.233 vagas); Comércio (+4.447 vagas); Agropecuária (+2.796 vagas); Indústria de transformação (+1.956 vagas); Administração pública (+55 vagas) e, por fim, a Indústria extrativa mineral (+22 vagas). Apenas os Serviços industriais de utilidade pública registraram fechamento de vagas.

Pela observação da Tabela 5.2 é possível constatar também que ocorreu uma recuperação dos empregos no Comércio e na Agropecuária depois do fechamento de postos ocorridos no primeiro trimestre do ano devido a fatores sazonais.

Outro fator a ser observado é que os setores do Comércio, Construção Civil e Agropecuária geraram mais empregos no terceiro trimestre de 2014 que igual período de 2013, revelando dessa forma um maior dinamismo dessas atividades no ano de 2014.

Tabela 5.2: Evolução do saldo de empregos celetistas por setores - 1º Trim./2013 ao 3º Trim./2014 - Ceará

IBGE Setor	1º Trim./2013	2º Trim./2013	3º Trim./2013	4º Trim./2013	1º Trim./2014	2º Trim./2014	3º Trim./2014
1 - Extrativa mineral	28	103	99	91	-33	-66	22
2 - Ind. Transf.	1.836	2.711	2.105	-1.137	-963	-603	1.956
3 - SIUP	97	150	174	93	245	268	-26
4 - Construção Civil	636	3.187	1.003	463	3.175	1.107	5.233
5 - Comércio	-3.648	1.991	3.643	9.144	-4.588	312	4.447
6 - Serviços	-142	7.266	8.398	5.405	4.884	5.419	7.206
7 - Adm. Púb.	901	81	10	3	604	136	55
8 - Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	-2.373	1.665	2.530	-698	-1.804	968	2.796
Ceará	-2.665	17.154	17.962	13.364	1.520	7.541	21.689

Fonte: CAGED-MTE. Elaboração IPECE.

Pela análise da Tabela 5.3 é possível notar quais setores se destacaram na geração de novos postos de trabalho no acumulado do ano até setembro de 2014. O setor de Serviços, com 19.313 novas vagas, foi novamente o grande gerador de vagas no estado do Ceará. A Construção Civil registrou o maior saldo de empregos dos últimos quatro anos. O Comércio apesar da recuperação no terceiro trimestre gerou menos empregos em 2014 na comparação dos últimos quatro anos, ou seja, ocorreu uma melhora dentro do ano, mas não dentre os anos. Já a Indústria de transformação também registrou a menor geração de novos postos de trabalho dos últimos quatro anos, revelando, de certo modo, a desaceleração de novas contratações neste setor da economia cearense. Por outro lado, a Agropecuária mostrou uma retomada nas contratações, registrando o maior saldo de empregos dos últimos quatro anos.

Tabela 5.3: Evolução do saldo de empregos celetistas por setores no acumulado do ano até setembro - 2011 a 2014 - Ceará

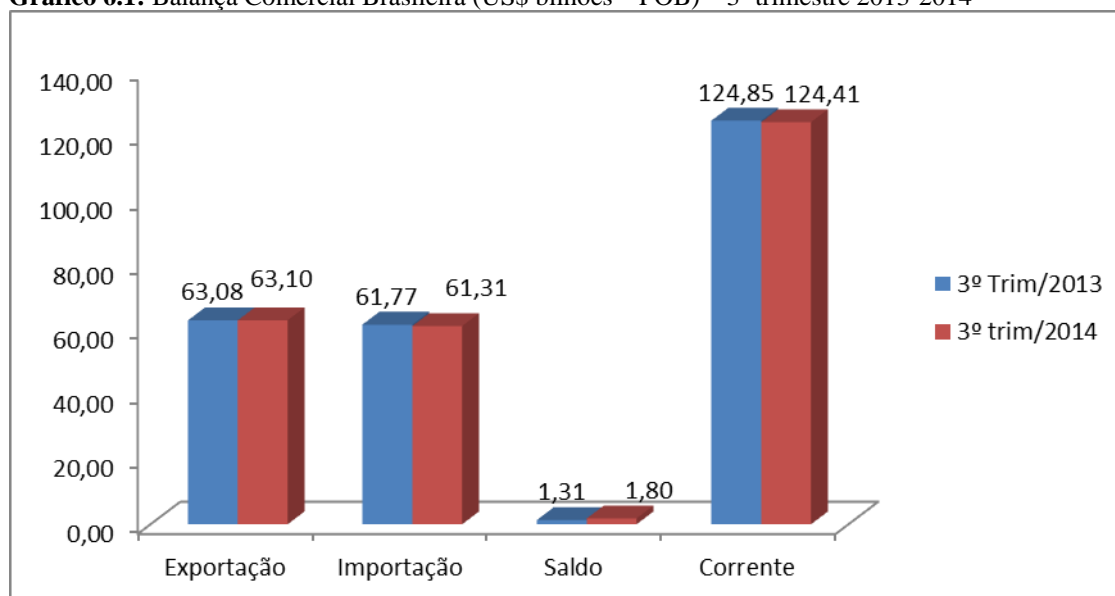
SETORES	2011	2012	2013	2014
1.EXTRATIVA MINERAL	335	108	381	-169
2.INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	4.629	5.598	7.419	1.024
Ind. Prod. Min. Não Metálicos	491	522	577	192
Ind. Metalúrgica	1.003	1.136	310	11
Ind. Mecânica	492	-98	371	424
Ind. Materiais Elétricos e Comunicações	188	-70	-108	397
Ind. Materiais de Transporte	330	-152	-15	-132
Ind. Madeira e Mobiliários	256	274	217	-65
Ind. Papel, Papelão, Editor.	205	70	-64	-163
Ind. Borracha, Fumo, Couros	-195	181	-41	-4
Ind. Quím., Prod. Farm. Veter.	254	493	447	315
Ind. Têxtil, Vestuário	1.309	1.720	1.991	-2
Ind. Calçados	-243	327	2.377	-1.301
Ind. Prod. Aliment. Bebidas	539	1.195	1.357	1.352
3.SERV INDUST DE UTIL PÚBLICA	98	95	433	620
4.CONSTRUÇÃO CIVIL	9.219	1.170	5.397	10.781
5.COMÉRCIO	8.670	4.662	3.201	429
Comércio Varejista	7.565	3.877	2.235	-643
Comércio Atacadista	1.105	785	966	1.072
6.SERVIÇOS	24.051	20.248	13.664	19.313
Instituições Financeiras	915	118	-172	-112
Com. Adm. Imóv. Serv. Téc-Prof.	8.545	5.846	5.689	7.892
Transportes e Comunicações	1.537	2.012	1.497	1.778
Serv. Aloj. Alim. Rep. Manut.	7.257	5.783	-829	2.913
Serviços Méd., Odontol.	2.698	2.588	3.770	2.853
Ensino	3.099	3.901	3.709	3.989
7.ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	310	597	1.022	776
8.AGROPECUÁRIA	2.122	1.172	1.887	2.239
Ceará	49.434	33.650	33.404	35.013

Fonte: CAGED-MTE. Elaboração IPECE.

6 COMÉRCIO EXTERIOR

A balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 1,8 bilhão no 3º trimestre de 2014, de acordo com os dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Mesmo com o saldo positivo no trimestre, o resultado no acumulado de janeiro a setembro de 2014 está deficitário em US\$ 0,7 bilhão. No 3º trimestre as exportações alcançaram o montante de US\$ 63,10 bilhões registrando leve alta de 0,03% com relação ao mesmo período de 2013. Já as importações totalizaram US\$ 61,31 bilhões registrando retração de 0,74% sobre igual período do ano anterior. A corrente de comércio alcançou US\$ 124,411 bilhões, com queda de 0,34% sobre o mesmo período anterior, quando totalizou US\$ 124,847 bilhões. Já o saldo superavitário em US\$ 1,8 bilhão representou um crescimento de 36,69% com relação ao mesmo período de 2013, sendo influenciado, principalmente, pela desaceleração das importações.

Gráfico 6.1: Balança Comercial Brasileira (US\$ bilhões – FOB) – 3º trimestre 2013-2014



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE

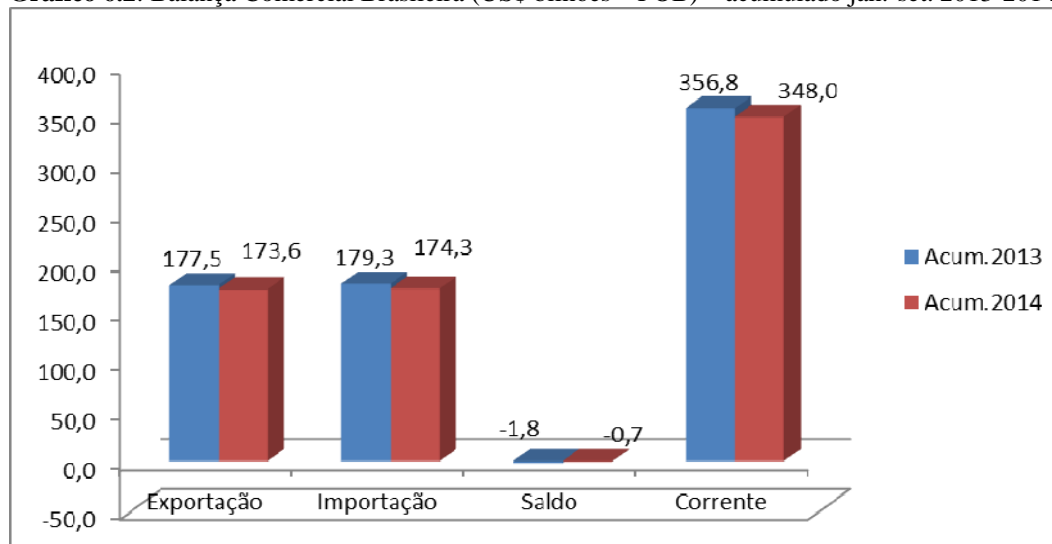
No acumulado do ano até setembro de 2014, as exportações apresentaram valor de US\$ 173,635 bilhões. Sobre igual período de 2013, as exportações registraram retração de 2,18%. O país também importou menos que o ano passado (US\$ 174,33 bilhões), com queda de 2,75% sobre o mesmo período anterior. A corrente de comércio retrocedeu 2,46% e alcançou o valor de US\$ 347,960 bilhões, sobre o mesmo período do ano anterior, quando totalizou US\$ 356,770 bilhões. Já o saldo comercial acumulou déficit de US\$ 695 milhões em 2014 (o menor desde 2011).

A redução das exportações no período janeiro a setembro deste ano deveu-se exclusivamente à política de controle praticada pelo governo via represamento de preços e desonerações tributárias como do imposto sobre produtos industrializados (IPI).

Outros fatores que tiraram a rentabilidade nos embarques totais, além da queda nos preços médios das exportações e a elevação de custo de produção, na comparação com os mesmos meses do ano anterior, foi o câmbio nominal. Os setores de agricultura e pecuária, de extração de minerais metálicos e a indústria de alimentos perderam rentabilidade nos embarques e contribuíram para queda na margem de lucro das exportações totais no acumulado do ano até setembro. Deve-se também destacar o mal desempenho dos produtos manufaturados que acumularam redução de 7,1% e os semimanufaturados (-4,2%). Por outro lado, as vendas de produtos básicos registraram crescimento.

As importações totalizaram US\$ 174,3 bilhões, retração de 2,75 % sobre o mesmo período anterior (de US\$ 179,3 bilhões). Essa desaceleração das importações em grande parte pode ser explicada pelo baixo dinamismo da atividade econômica, especialmente da produção industrial. No período comparativo, houve decréscimo em todas as categorias: bens de consumo (-2,7%), matérias - primas e intermediários (-1,2%), bens de capital (-5,7%) e combustíveis. No acumulado de janeiro a setembro de 2014, o saldo da balança comercial registrou um déficit de US\$ 695,5 bilhões, bem acima do registrado no mesmo período de 2013 (US\$ 1,76 bilhões). Enquanto a corrente de comércio diminuiu de US\$ 356,8 bilhões em 2013 para US\$ 348,0 bilhões em 2014. Convém ressaltar que, desde 2010, o Brasil não firma acordos comerciais com outros países e a rodada de negociações com a União Europeia para um acordo de livre comércio não prosperou.

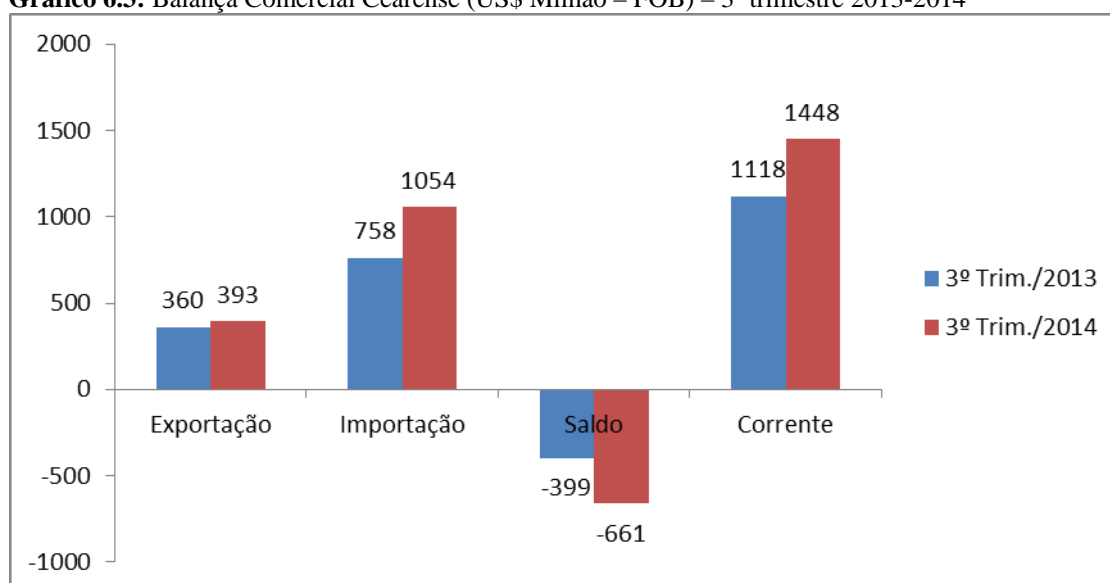
Gráfico 6.2: Balança Comercial Brasileira (US\$ bilhões – FOB) – acumulado jan.-set. 2013-2014



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

No que tange à balança comercial cearense o panorama diverge um pouco do nacional. Neste 3º trimestre de 2014 as exportações cearenses totalizaram um valor recorde de US\$ 393,388 milhões, significando crescimento de 9,34%, em relação ao mesmo trimestre de 2013. Enquanto isso, as importações surpreenderam as expectativas e aumentaram 39,02% em comparação ao mesmo período de 2013. Por sua vez, o saldo da balança comercial continua deficitário em US\$ 661,04 milhões, apresentando o pior desempenho desde 2010. A corrente de comércio, por sua vez, cresceu 29,47%, alcançando o montante de US\$ 1,448 bilhões, superior ao mesmo trimestre de 2013, quando totalizou US\$1,118 bilhão.

Gráfico 6.3: Balança Comercial Cearense (US\$ Milhão – FOB) – 3º trimestre 2013-2014



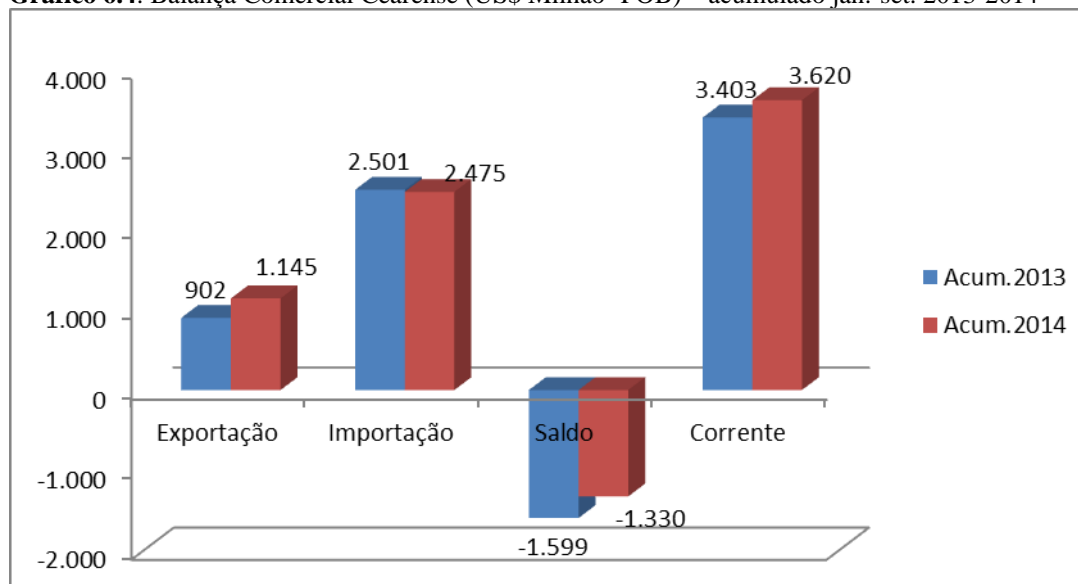
Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

No acumulado do ano até setembro, a balança comercial cearense apresentou alta com forte crescimento das exportações. Estas totalizaram US\$ 1,145 bilhão, com variação de 26,94%, comparada ao mesmo período de 2013. O Ceará importou menos que o ano passado, recuando 1,04% em relação ao mesmo período de 2013. Grande parcela dessa queda é explicada pela queda de alguns setores como máquinas e equipamentos, trigo, veículos automotores e aparelhos médicos ópticos e precisão. Apesar dessa redução na demanda por importados, o saldo da balança continuou registrando déficit de US\$ 1,330 bilhão.

No cenário nacional, o Ceará, foi o décimo quarto maior exportador brasileiro nos nove primeiros meses de 2014. Além disso, o estado apresentou o quarto maior incremento das exportações dos estados brasileiros sendo o terceiro do Nordeste atrás da Bahia (1º) e do Maranhão (2º). O estado também foi o que apresentou o terceiro maior incremento nas

exportações. A participação do Ceará em relação ao Nordeste passou de 7,41% para 9,50% no cômputo regional.

Gráfico 6.4: Balança Comercial Cearense (US\$ Milhão- FOB) – acumulado jan.-set. 2013-2014



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Exportações

A pauta de exportação cearense no 3º trimestre de 2014 foi liderada pelo grupo de combustíveis minerais, que representou 20,61% (quase um quarto de tudo que foi exportado pelo estado). Comparado ao mesmo período do ano anterior, notou-se um acréscimo de 49,84% nas vendas desse produto. Esse aumento foi causado pelo *fuel oil* que representou 100% das vendas de combustíveis minerais do trimestre para dois países: Malta e Antilhas Holandesas. Apesar de sua importância na pauta cearense no período, esse produto não faz parte da estrutura produtiva estadual, sendo importado pelo Brasil, refinado em outros estados da federação e realizado o transbordo no Ceará para navios de bandeira estrangeira devido à sua localização geográfica. Além de elevar a balança comercial cearense, o transbordo proporciona arrecadação de tarifa portuária e geração de empregos diretos e indiretos.

O grupo de calçados e suas partes ficaram em segundo lugar com a quantia exportada de US\$ 76,1 milhões, respondendo por 19,35% da pauta exportadora cearense, com destino principalmente para a Argentina, Estados Unidos e Paraguai. Mesmo ocupando o segundo lugar da pauta exportadora, as vendas externas desse grupo reduziram 16,22% em comparação ao 3º trimestre de 2013. Em terceiro lugar vem Couros e peles com a quantia exportada de US\$ 60,5 milhões, com participação de 15,42% das vendas externas. Seus maiores compradores foram Hungria, China e Vietnã. Em quarto e quinto lugares ficaram,

respectivamente, Máquinas e equipamentos, aparelhos e materiais elétricos, com valor de US\$ 23,9 milhões (6,08%) e Frutas (exclusivamente Castanha de caju), com 22,6 milhões (5,75%). A principal via de escoamento dos principais produtos cearenses nesse 3º trimestre de 2014 continua sendo a marítima (91,5%). O porto do Pecém ainda é o principal porto de exportações do Estado com 48,32% do total, sendo *fuel oil; lagostas; e Partes de outros motores/geradores/grupos eletrog.etc.* os principais produtos exportados. Em seguida vem o porto de Fortaleza com 21,72%.

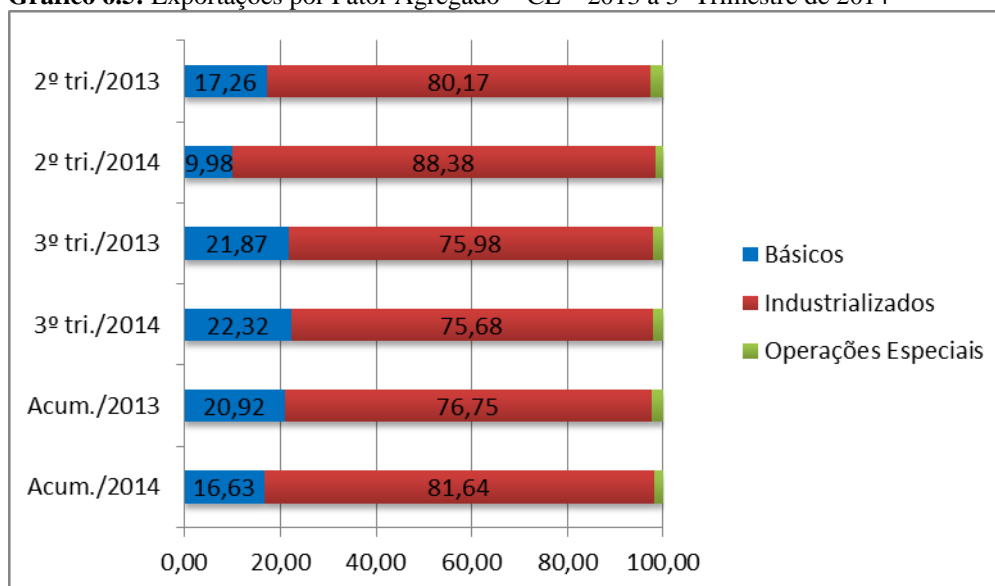
Tabela 6.1: Principais Produtos Exportados – 3º Trimestre – 2013-2014 (US\$ FOB)

Principais Produtos	2013		2014		Var. Acum.13/14
	US\$ (FOB)	Part.(%)	US\$(FOB)	Part.(%)	
Combustíveis minerais	54.101.740	15,04	81.066.497	20,61	49,84
Calçados e suas Partes	90.861.492	25,25	76.128.269	19,35	-16,22
Couros e Peles	54.150.026	15,05	60.657.567	15,42	12,02
Máquinas e equipamentos	4.776.716	1,33	23.904.439	6,08	400,44
Frutas (Exclusivo Castanha De Caju)	23.192.314	6,45	22.613.232	5,75	-2,50
Lagosta	19.031.950	5,29	22.029.289	5,60	15,75
Castanha de caju, fresca ou seca, sem casca	26.979.808	7,50	20.834.953	5,30	-22,78
Preparações Alimentícias	16.543.539	4,60	18.243.092	4,64	10,27
Ceras Vegetais	11.014.402	3,06	11.354.821	2,89	3,09
Minério de ferro	0	0,00	11.230.005	2,85	-
Demais Produtos	59.127.339	16,43	45.326.728	11,52	-23,34
Ceará	359.779.326	100,00	393.388.892	100,00	9,34

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

As exportações de produtos básicos no terceiro trimestre de 2014 somaram US\$ 87,8 milhões, apresentando aumento de 11,59% sobre o mesmo período de 2013 e crescimento de 103,71% sobre o 2º trimestre de 2014.

No acumulado, as exportações detalhadas por fatores agregados seguiram a mesma tendência de alta, crescendo 0,87% com relação ao acumulado de 2013. As exportações de produtos industrializados totalizaram US\$ 297,7 milhões, com crescimento de 8,9% em relação ao 3º trimestre de 2013. No entanto, na comparação com o trimestre imediatamente anterior, esse segmento registrou queda de 22% nas vendas externas. No acumulado de janeiro a setembro o valor das exportações de produtos industrializados foi de US\$ 934,832 milhões, significando uma expansão de 35% em relação ao mesmo período de 2013.

Gráfico 6.5: Exportações por Fator Agregado – CE – 2013 a 3º Trimestre de 2014

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Três destinos se destacaram por sua representatividade nas exportações cearenses: os Estados Unidos continuam sendo um dos principais portos de destino dos nossos produtos exportados, mas vem perdendo participação. No 3º trimestre de 2014 os EUA compraram 67,26 milhões da pauta de produtos vendidos pelo estado, representando um leve crescimento de 0,97% em relação ao mesmo período de 2013, com destaque para *Outras lagostas, congeladas, exceto as inteiras* como principal produto adquirido. Em segundo lugar, Malta importou do Ceará o montante de US\$ 43,58 milhões sendo *fuel oil o responsável por essas compras* com relevante crescimento de 67.810% em relação a igual período do ano anterior, representando 11,08% das vendas externas do estado. As Antilhas Holandesas vieram em terceiro lugar no destino das exportações cearenses, proporcionando receitas de US\$ 37,54 milhões (representada totalmente pelas exportações de *fuel oil* para aquele país), também com expressivo crescimento de 39.387% em comparação ao 3º trimestre de 2013, participando com 9,54% das vendas externas do Ceará no 3º trimestre de 2014.

Tabela 6.2: Principais Destinos das Exportações- 3º Trimestre de 2013-2014 (US\$ FOB)

Principais Países	2013		2014		Var Trim. (%) 13/14
	US\$ FOB	Part.(%)	US\$ FOB	Part.(%)	
Estados Unidos	66.617.478	18,52	67.266.894	17,10	0,97
Malta	64.176	0,02	43.582.447	11,08	67810,82
Antilhas Holandesas	95.070	0,03	37.540.828	9,54	39387,56
Países Baixos (Holanda)	34.715.672	9,65	24.606.440	6,25	-29,12
Alemanha	3.876.009	1,08	24.120.772	6,13	522,31
China	15.509.630	4,31	22.458.376	5,71	44,80
Argentina	40.024.427	11,12	20.114.577	5,11	-49,74
Hungria	16.534.560	4,60	16.557.935	4,21	0,14
Reino Unido	12.623.470	3,51	12.846.644	3,27	1,77
Itália	7.809.835	2,17	11.499.453	2,92	47,24
Demais Países	161.908.999	45,00	112.794.526	28,67	-30,33
Ceará	359.779.326	100,00	393.388.892	100,00	9,34

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Importações

No terceiro trimestre de 2014, as importações brasileiras apresentaram comportamento praticamente estável comparado ao mesmo período de 2013. O mesmo não foi verificado para as importações cearenses que, neste 3º trimestre, aumentaram 39% em relação ao mesmo período do ano anterior. No país, o Ceará continuou sendo o 14º colocado no ranking das importações, perdendo posição, no Nordeste, para Bahia, Pernambuco e Maranhão. No 3º trimestre de 2014, as importações alcançaram o valor de US\$ 1,05 bilhão, havendo crescimento de 34% em relação ao 2º trimestre de 2014, quando as compras externas alcançaram US\$ 786,68 milhões.

No rol das importações do Estado com relação ao 3º trimestre de 2014, três produtos se destacaram pela sua relevância nas compras externas cearenses: combustíveis minerais, produtos metalúrgicos e máquinas e equipamentos. O grupo de Combustíveis minerais continuou sendo primeiro colocado nas importações do Estado, com valor de US\$ 308,27 milhões, consistindo em 29,24% do total das importações, apresentando alta de 165,36% em relação ao mesmo período de 2013. O principal produto importado desse grupo foi “gás natural, liquefeito”, de origem da Noruega. Em segundo lugar, os produtos metalúrgicos representaram um valor importado de US\$ 205 milhões, com participação de 19,45% da pauta, crescendo somente 8,21% sobre o 3º trimestre de 2013. A principal compra desse grupo foi de *Outs.construções e suas partes, de ferro fund/ferro/aço*, da Coreia do Sul. Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos ficaram em terceiro lugar com cifra de US\$ 153,36 milhões (14,54% do total), ampliando em 85,43% suas importações em relação ao mesmo período de 2013. Esse grupo foi representado principalmente, por *perfuratriz rotativa, autopropulsora*, de origem da China.

Tabela 6.3: Principais Produtos Importados – 3º Trimestre 2013-2014 (US\$-FOB)

Principais Produtos	2013		2014		Var. Acum. 14/13
	US\$ FOB	Part.% 13	US\$ FOB	Part.% 14	
Combustíveis Minerais	116.175.904	15,32	308.277.748	29,24	165,35
Produtos Metalúrgicos	189.490.021	24,98	205.052.885	19,45	8,21
Máquinas, equipamentos, aparelhos e mat. elétricos	82.704.727	10,90	153.362.588	14,54	85,43
Produtos Químicos	95.070.925	12,53	108.214.436	10,26	13,82
Trigo e mistura de trigo com centeio	84.165.412	11,10	71.183.104	6,75	-15,42
Têxteis	51.846.945	6,84	44.120.986	4,18	-14,90
Plásticos e suas obras	21.475.343	2,83	24.494.814	2,32	14,06
Óleo de Dendê	7.391.175	0,97	14.529.936	1,38	96,58
Aeronaves e aparelhos espaciais e suas partes	6.098.649	0,80	13.171.184	1,25	115,97
Veículos e materiais para vias férreas	12.503.631	1,65	11.669.780	1,11	-6,67
Demais Produtos	91.554.173	12,07	100.357.542	9,52	9,62
Ceará	758.476.905	100,00	1.054.435.003	100,00	39,02

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração IPECE.

Com relação à importação por fator agregado, observa-se no período analisado um comportamento semelhante, mostrando que a pauta importadora do Estado é composta principalmente por produtos industrializados. Verifica-se em todo o período que os produtos industrializados representaram mais de 80% da pauta importadora cearense. No 3º trimestre de 2014, os produtos básicos representavam 13,22% das importações cearenses e no acumulado até setembro, ficaram com 16,33%, valor superior ao acumulado de 2013, que representou 14,48%. Já o setor de produtos industrializados foi responsável por 86,78% do valor importado pelo estado no terceiro trimestre, representando 83,67% no acumulado do ano até setembro de 2014. Em relação a janeiro-setembro de 2013, as importações de produtos industrializados possuíam uma representatividade maior, de 85,52%.

7 FINANÇAS PÚBLICAS

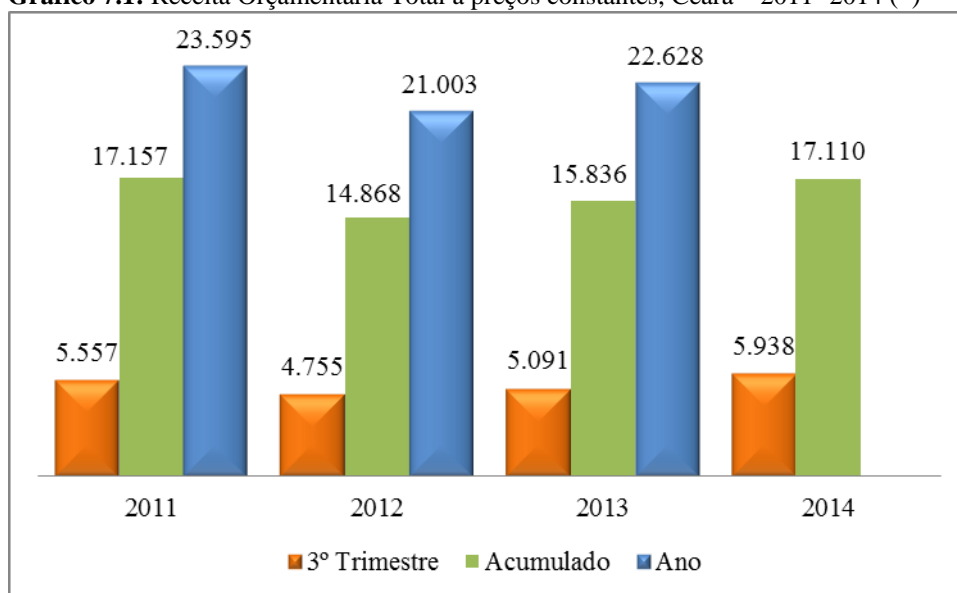
7.1 Resultado Fiscal

No acumulado até outubro de 2014 o Estado apresentou um superávit primário, diferença entre receitas correntes e despesas correntes, de R\$ 894 milhões, segundo dados da SEFAZ/CE (Secretaria da Fazenda do Ceará). No mesmo período de 2013, houve um superávit primário da ordem de R\$ 1.357 milhões.

7.2 Receitas

Como pode ser observado no Gráfico 7.1 as receitas estaduais totalizaram R\$ 5.938 milhões, no terceiro trimestre de 2014, representando um crescimento real de 16,6% em relação ao terceiro trimestre de 2013. Relativamente ao acumulado no ano observa-se o um crescimento de 8,0% com relação a idêntico período do ano anterior.

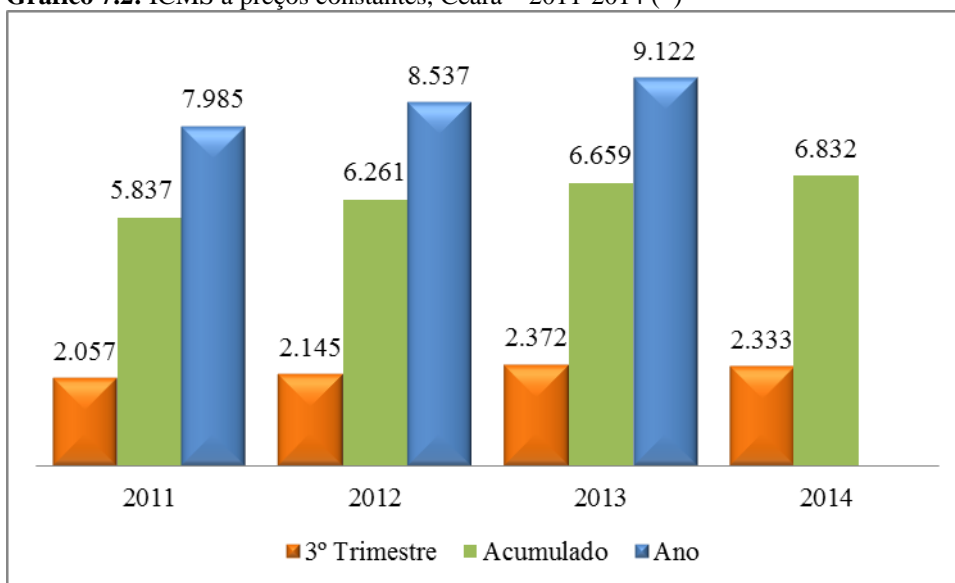
Gráfico 7.1: Receita Orçamentária Total a preços constantes, Ceará – 2011 -2014 (*)



Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 3º trimestre de 2014.

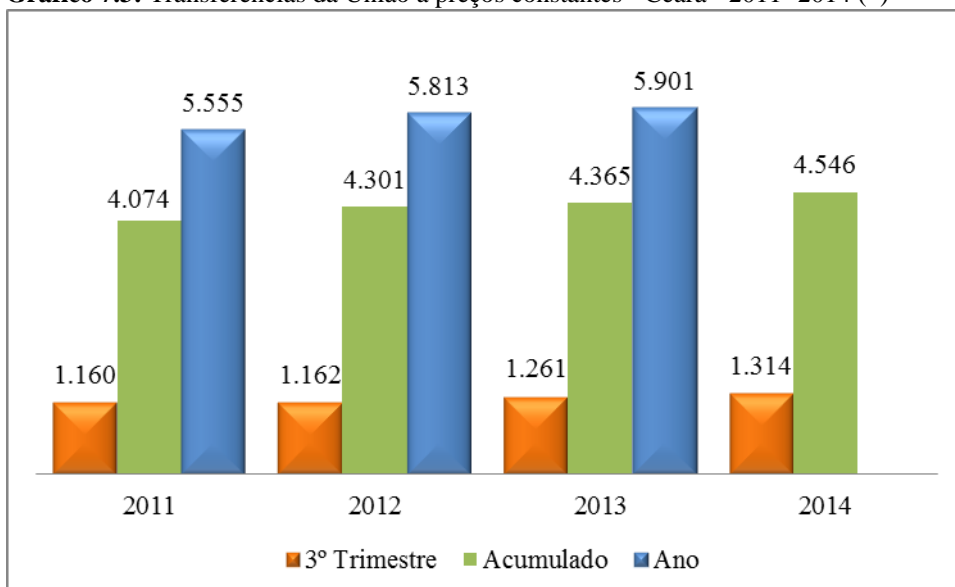
Quanto à arrecadação de ICMS (Imposto sobre Circulação de Bens e Serviços) é possível constatar, pela inspeção do Gráfico 7.2, uma queda de 1,7%, entre o terceiro trimestre de 2013 e idêntico período de 2014. Em compensação, no acumulado do ano houve um crescimento de 2,6%, quando comparado ao mesmo período de 2013.

Gráfico 7.2: ICMS a preços constantes, Ceará – 2011-2014 (*)

Fonte:Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 3º trimestre de 2014.

Relativamente às transferências de recursos da União para o Ceará foram transferidos, como pode ser constatado no Gráfico 7.3, R\$ 1.314 milhões, no terceiro trimestre de 2014, havendo um crescimento real de 4,3%, com relação a idêntico período de 2013. É interessante observar que houve um crescimento real de, aproximadamente, 4,1% nas transferências da União no acumulado do ano de 2014, quando comparado a 2013.

Gráfico 7.3: Transferências da União a preços constantes - Ceará - 2011 -2014 (*)

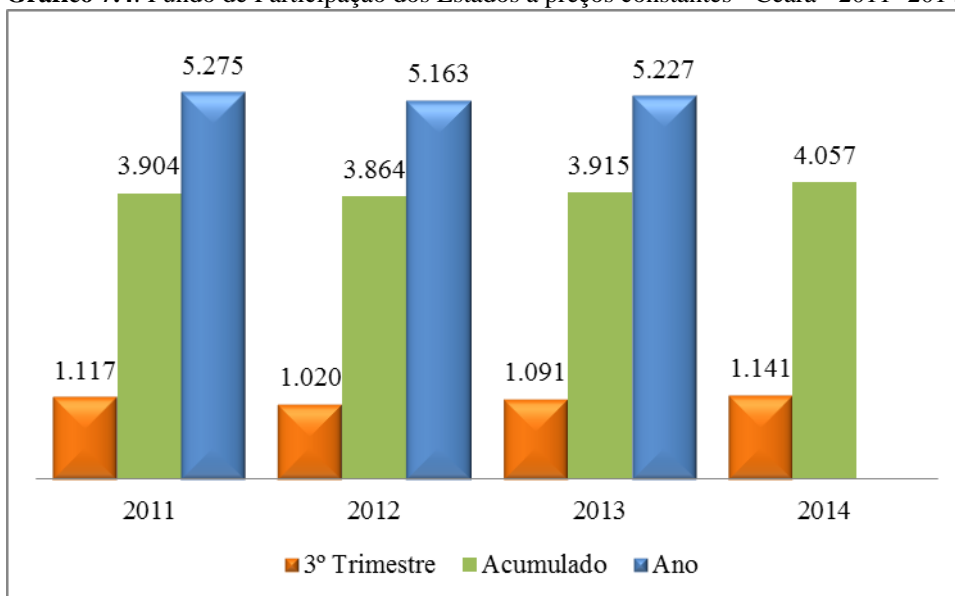
Fonte:Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 3º trimestre de 2014.

Dentre as receitas oriundas das Transferências da União, a mais relevante é o Fundo de Participação dos Estados (FPE), cujos dados são apresentados no Gráfico 7.4, sendo

responsável, no terceiro trimestre de 2014, por aproximadamente 87% do total das Transferências da União, totalizando R\$ 1.141 milhões, representando, em termos reais, um acréscimo de 4,5% quando comparado ao mesmo período de 2013. No acumulado do ano, até setembro, é interessante observar que houve uma leve recuperação nas receitas oriundas dessa fonte quando comparada ao mesmo período de 2013.

Gráfico 7.4: Fundo de Participação dos Estados a preços constantes - Ceará - 2011 -2014 (*)

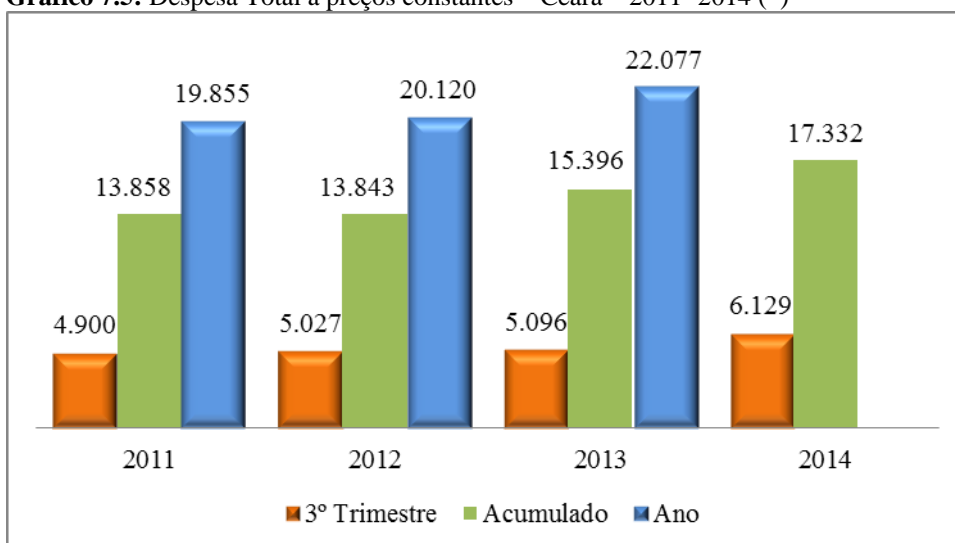


Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 3º trimestre de 2014.

7.3 Despesas

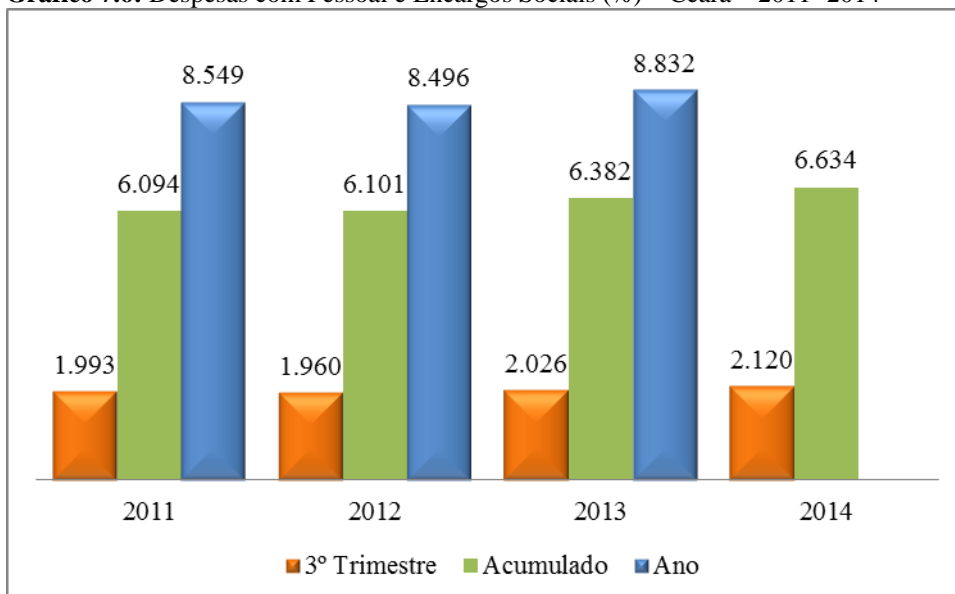
A Despesa Total do Governo do Estado apresentou, no terceiro trimestre de 2014, um montante de R\$ 6.129 milhões, conforme pode ser observado no Gráfico 7.5, o que significou um crescimento real de 20,2% em relação a idêntico período de 2013. É interessante observar que nos três primeiros trimestres de 2014 a despesa total do Governo cresceu cerca de 12,5%, quando comparada a período idêntico do ano anterior. Nesse sentido, é possível afirmar que houve uma aceleração do gasto público quando se compara 2014 com 2013. Em termos de participação, para o terceiro trimestre de 2014, os principais componentes da Despesa Total do Estado foram Pessoal e Encargos Sociais (34,6%), Outras Despesas Correntes (42,0%) e Investimentos (16,7%).

Gráfico 7.5: Despesa Total a preços constantes – Ceará – 2011 -2014 (*)

Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 3º trimestre de 2014.

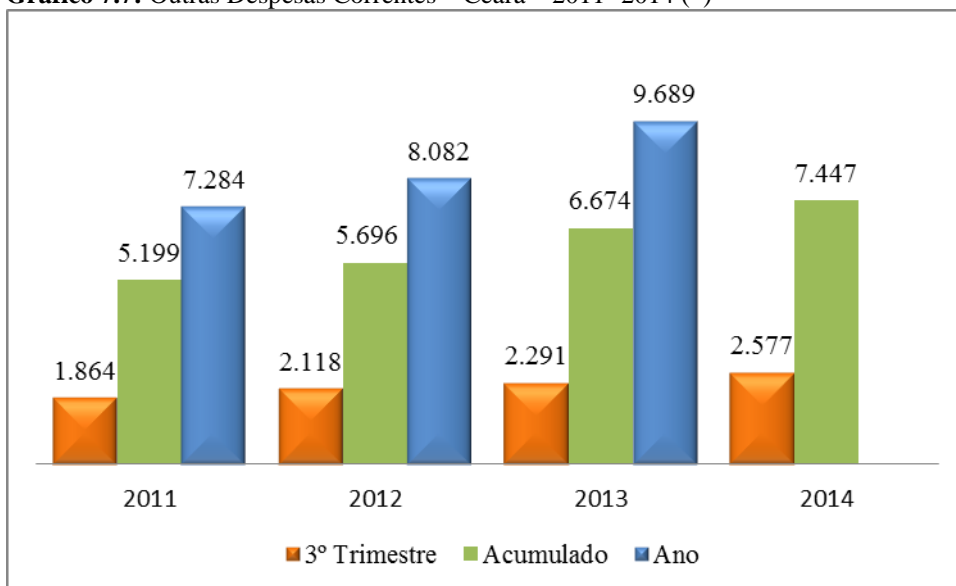
Analisando-se a despesas com pessoal do estado do Ceará, que são apresentadas no Gráfico 7.6, observa-se que, entre julho e setembro de 2014, totalizaram R\$ 2.120 milhões, representando um crescimento real de 4,63%. Já no acumulado do ano é possível constatar um crescimento de 3,9% na despesa com pessoal.

Gráfico 7.6: Despesas com Pessoal e Encargos Sociais (%) – Ceará – 2011 -2014

Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 3º trimestre de 2014.

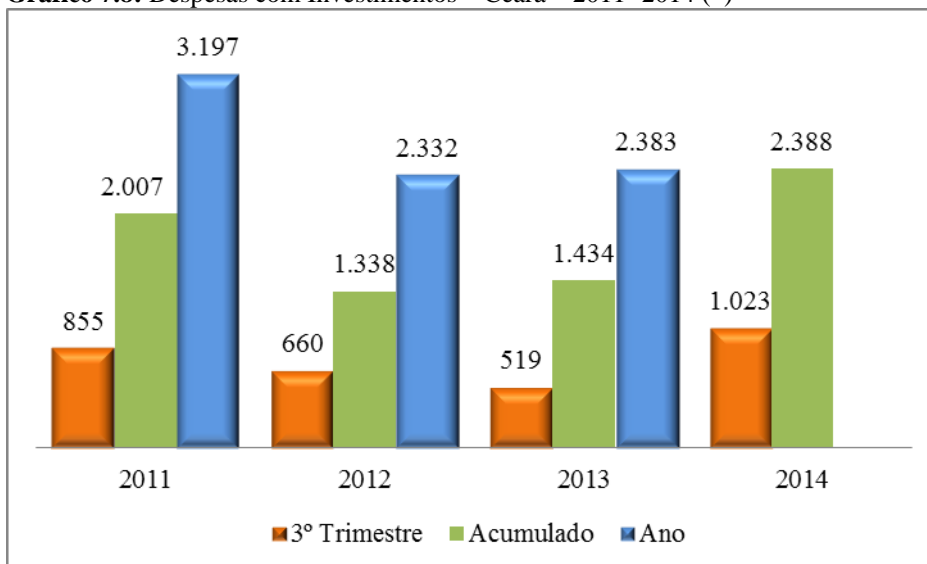
As Outras Despesas Correntes (Gráfico 7.7), totalizaram, no terceiro trimestre de 2014, R\$ 2.577 milhões, um crescimento real de 12,5% com relação a idêntico período de 2013.

Gráfico 7.7: Outras Despesas Correntes – Ceará – 2011 -2014 (*)

Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 3º trimestre de 2014.

Em relação às despesas com Investimentos, conforme apresentado no Gráfico 7.8, verifica-se que, no terceiro trimestre de 2014, houve um gasto de R\$ 1.023 milhões, representando um crescimento real de, aproximadamente, 97% em relação ao terceiro trimestre de 2013.

Gráfico 7.8: Despesas com Investimentos – Ceará – 2011 -2014 (*)

Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

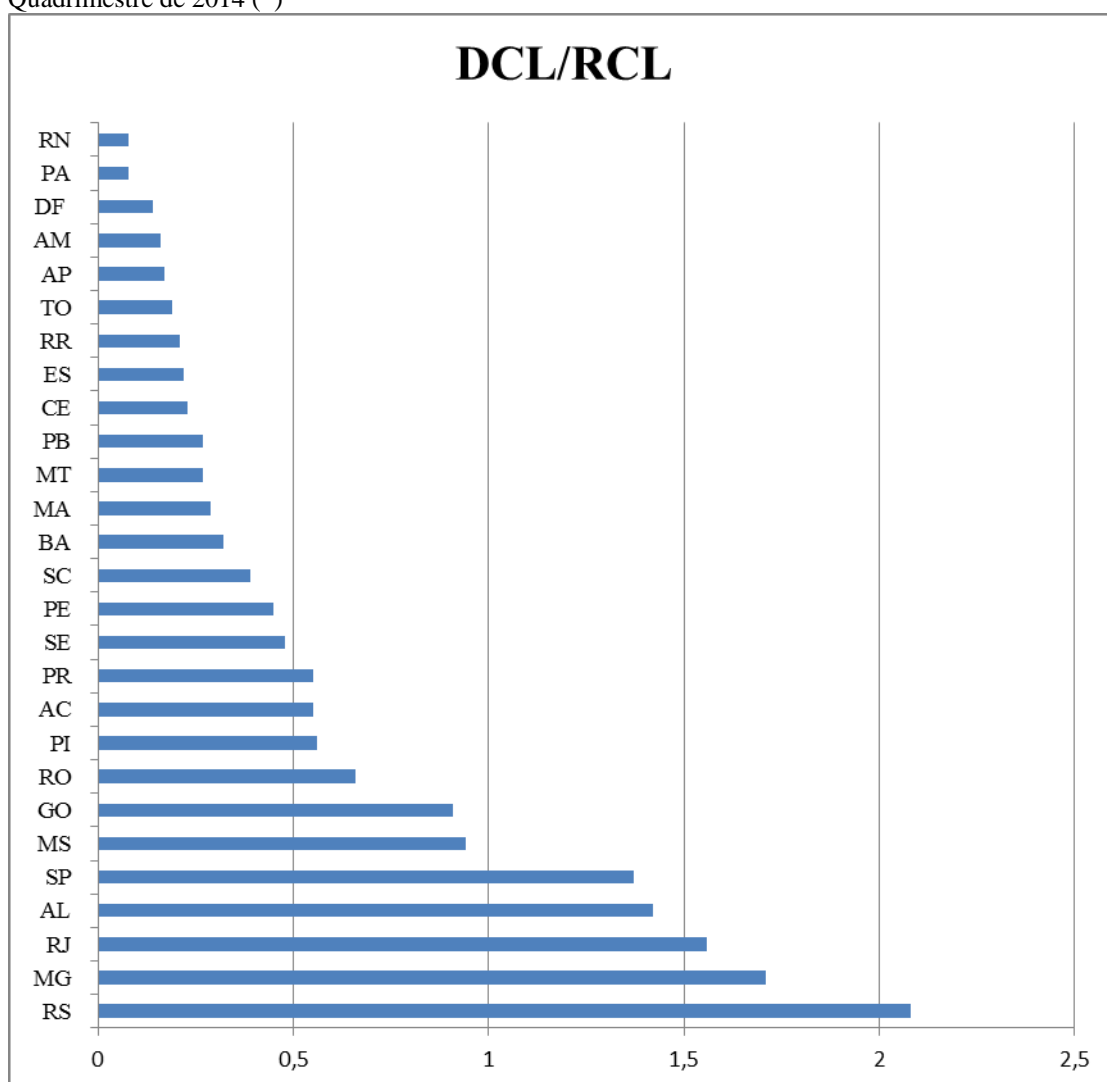
(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 3º trimestre de 2014.

7.4 Dívida

O Estado do Ceará encerrou o segundo quadrimestre de 2014 com uma Dívida Consolidada Líquida em R\$ 4.367 milhões. Com relação à Dívida Consolidada Líquida/Receita Corrente

Líquida (DCL/RCL), ela atingiu o patamar de 0,31 no final do segundo quadrimestre de 2014, posicionando-se entre os mais baixos da federação (Gráfico 7.9) e bem abaixo do limite de endividamento que é de duas vezes a Receita Corrente Líquida, que considera o conceito de dívida consolidada líquida, da qual exclui os haveres financeiros conforme determina a Resolução nº 43, de 2001 do Senado Federal. Além do baixo nível de endividamento somado ao alto gasto com investimento, o Estado tem mostrado um pesado compromisso com o pagamento do serviço da dívida, por conta de um cronograma de amortizações concentrado no curto prazo.

Gráfico 7.9: Dívida Consolidada Líquida em relação à Receita Corrente Líquida, Estados da Federação – 1º Quadrimestre de 2014 (*)



Fonte: STN – Secretaria do Tesouro Nacional.

(*) Os dados dos estados AP e RN referem-se a posição em 30/04/12.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desempenho da economia mundial para o ano de 2014 está abaixo do que foi esperado no começo do ano. A confiança projetada para a economia mundial apostava em um crescimento mais acelerado da economia americana e recuperação da economia de países importantes da Zona do Euro, resultando em maiores taxas de crescimentos dos países em desenvolvimento. Conforme o documento de outubro do FMI, a projeção de crescimento econômico para 2014 é de 3,3%. O documento ressalta que esse fraco desempenho da economia mundial está atrelado à falta de confiança do mercado e à baixa demanda.

No terceiro trimestre de 2014, o PIB do Brasil registrou uma queda de 0,2% em relação ao terceiro trimestre de 2013, desempenho bem inferior se comparado ao terceiro trimestre de 2013 com relação ao mesmo período do ano de 2012, quando se verificou um crescimento de 2,4%. O resultado em relação ao segundo trimestre do mesmo ano indica crescimento de 0,1%. Apesar de uma taxa relativamente modesta, a economia brasileira sai da recessão técnica, não obstante ainda apresentar um quadro de estagnação.

Os investimentos nacionais, depois de quatro trimestres seguidos de queda, registraram crescimento de 1,3% com relação ao segundo trimestre de 2014. Todavia, deve-se destacar que a taxa de investimento no país encontra-se em patamar muito baixo (17%), o que compromete a capacidade de crescimento futuro da economia.

No terceiro trimestre de 2014 com relação ao mesmo período de 2013, a economia cearense apresentou uma taxa de crescimento de 5,60%, sendo a décima oitava taxa trimestral consecutiva superior à taxa da economia brasileira. Este crescimento foi superior ao registrado no terceiro trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, quando verificou-se um crescimento de 3,76%. No acumulado do ano, observa-se um crescimento de 4,19%. Em relação à taxa anualizada, registra-se um crescimento de 3,78%.

Analisando-se os setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, a Agropecuária apresentou no terceiro trimestre de 2014, em comparação com o mesmo período de 2013, um crescimento de 51,22%. Este alto crescimento deveu-se a uma base de comparação baixa verificada nos dois anos anteriores em decorrência de períodos de seca, onde no terceiro trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, verificou-se uma queda de 3,11%. Já a Indústria decresceu 0,70%, apresentando um desempenho bem inferior para o mesmo período de 2013, quando obteve um crescimento de 6,98%. O setor de serviços cresceu 4,50% puxado pelo bom desempenho das atividades de Comércio, que registrou, para o mesmo período, crescimento de 4,10%, e Alojamento e Alimentação, com um crescimento de 5,80%.

O Ceará vem enfrentando um longo período de seca, desde 2009, com o índice de pluviosidade para o estado registrando valores abaixo da média. Todavia, vale ressaltar que nos anos de 2013 e 2014 as ocorrências de chuvas foram maiores do que nos anos de 2011 e 2012. Por esse baixo volume de chuvas, o setor da agropecuária do Ceará vem apresentando comportamentos de grandes oscilações visto que a agricultura do estado apresenta grande dependência das chuvas por ser, predominantemente, produção agrícola de sequeiro.

As estimativas realizadas pela LSPA/IBGE para a produção de grãos no Ceará apontavam um crescimento da produção de 2014, quando comparada ao resultado de 2013, indicando um melhor desempenho da agropecuária no ano corrente. Contribuíram para esse aumento da produção as culturas de milho e feijão, que registraram variação de 190,45% e 120,92%, respectivamente.

Quanto à produção de frutas, observou-se que as estimativas para 2014 apresentaram aumento, explicado pelo fato dessas atividades serem menos dependentes de chuva (culturas irrigadas) e por terem suas colheitas mais concentradas no segundo semestre do ano. Destacase a produção de coco-da-baía (água) e melão em 2014, com crescimento de 101,81% e 85,25%, respectivamente, relativamente a 2013.

No terceiro trimestre de 2014, a indústria de transformação cearense novamente registrou redução na produção (-0,5%) na comparação com igual trimestre de 2013. Ao longo do ano, em apenas três meses, fevereiro (8,0%), maio (0,3%) e setembro (1,2%) a indústria apresentou resultado positivo na produção.

Após um primeiro trimestre de leve expansão, os resultados assinalados nos trimestres seguintes de 2014 revelam um momento de retração da indústria. As encomendas para final de ano aliviaram a situação, mas não foram suficientes para recolocar a produção em crescimento. Apesar das medidas de estímulo adotadas em nível nacional, a indústria brasileira e, em particular, a cearense não conseguem retomar um crescimento consistente, e continuam a sofrer com a concorrência internacional e com questões estruturais que reduzem o poder de competição. Tal quadro pode estar sendo potencializado, ainda, pelo ambiente de deterioração das expectativas e de incertezas no tocante à condução da política econômica.

O setor de serviços vem apresentando uma redução no ritmo de crescimento, na comparação com o desempenho nos trimestres anteriores. No terceiro trimestre registrou-se um crescimento de 4,71% comparado com o mesmo trimestre do ano passado, diferente do crescimento obtido no segundo trimestre de 2013 que foi de 6,48%. O setor tem apresentado uma desaceleração do ritmo de crescimento da receita nominal de serviços, entretanto, acima da trajetória nacional.

Na análise do comportamento das vendas cearenses ao longo do ano de 2014, observa-se um comportamento distinto entre o varejo comum, que apresentou trajetória de queda, e o varejo ampliado que apresentou comportamento de recuperação graças ao crescimento das vendas de material de construção no terceiro trimestre deste ano.

Na dinâmica do mercado de trabalho é possível afirmar que, ao longo do período de setembro de 2013 a setembro de 2014, na Região Metropolitana de Fortaleza o grau de confiança no setor aumentou mais, principalmente no terceiro trimestre de 2014, quando a taxa de participação e a taxa de desemprego registraram crescimento vigoroso, notadamente o primeiro indicador.

Grças ao desempenho registrado no terceiro trimestre de 2014, o Ceará registrou o quinto maior crescimento na geração de novos empregos comparado ao terceiro trimestre de 2013 dentre todos os estados brasileiros. Além disso, em termos absolutos, foi possível também alcançar a terceira maior criação de novos postos de trabalho, tendo ficado abaixo apenas do desempenho registrado por São Paulo e Pernambuco.

Deve-se também ressaltar uma nítida retomada dos empregos a partir do terceiro trimestre de 2014, passando de 1.520 vagas no primeiro trimestre, para 21.689 vagas no terceiro trimestre. Os setores que mais contribuíram para esse resultado foram os Serviços, a Construção civil, o Comércio e a Agropecuária. Todavia, no acumulado do ano, os setores de Comércio e a Indústria de transformação mostraram perda de dinamismo na geração de novas vagas comparado aos últimos quatro anos.

Neste terceiro trimestre de 2014 as exportações cearenses totalizaram um valor recorde de US\$ 393,388 milhões, significando um crescimento de 9,34%, em relação ao mesmo trimestre de 2013. Enquanto isso, as importações surpreenderam as expectativas e aumentaram 39,02% em comparação ao mesmo período de 2013. Por sua vez, o saldo da balança comercial continua deficitário em US\$ 661,04 milhões, apresentando o pior desempenho desde 2010.

A pauta de exportação cearense no 3º trimestre de 2014 vem sendo liderada pelo grupo de combustíveis minerais, com 20,61% de participação. O grupo de calçados e suas partes ficaram em segundo lugar com a quantia exportada de US\$ 76,1 milhões, respondendo por 19,35% da pauta exportadora cearense. Em terceiro lugar vem Couros e peles com a quantia exportada de US\$ 60,5 milhões, com participação de 15,42% das vendas externas.

No rol das importações do Estado com relação ao 3º trimestre de 2014, três produtos se destacaram pela sua relevância nas compras externas cearenses: combustíveis minerais, produtos metalúrgicos e máquinas e equipamentos. O grupo de Combustíveis minerais continuou sendo o primeiro colocado nas importações do estado, com valor de US\$ 308,27

milhões (29,24% do total das importações). Em segundo lugar, aparecem os produtos metalúrgicos com o valor de US\$ 205 milhões e participação de 19,45% na pauta, crescendo somente 8,21% sobre o 3º trimestre de 2013. Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos ficaram em terceiro lugar com cifra de US\$ 153,36 milhões, 14,54% do total.

No acumulado até outubro de 2014 o Estado apresentou um superávit primário, diferença entre receitas correntes e despesas correntes, de R\$ 894 milhões, segundo dados da SEFAZ/CE (Secretaria da Fazenda do Ceará). No mesmo período de 2013, houve um superávit primário da ordem de R\$ 1.357 milhões.

O Estado do Ceará encerrou o segundo quadrimestre de 2014 com uma Dívida Consolidada Líquida em R\$ 4.367 milhões. Com relação à Dívida Consolidada Líquida/Receita Corrente Líquida (DCL/RCL), ela atingiu o patamar de 0,31 no final do segundo quadrimestre de 2014, posicionando-se entre os mais baixos da federação e bem abaixo do limite de endividamento que é de duas vezes a Receita Corrente Líquida. Além do baixo nível de endividamento somado ao alto gasto com investimento, o Estado tem mostrado um pesado compromisso com o pagamento do serviço da dívida, por conta de um cronograma de amortizações concentrado no curto prazo.

9. ARTIGO DE OPINÃO⁵

A Economia Social da Manada de Búfalos

Daniel Suliano – Analista de Políticas do IPECE

A Constituição de 1988 representa um marco institucional nacional. Ela representa um amplo conjunto de direitos sociais nas áreas de saúde, educação e campo social do período pós-regime militar. Esse amplo conjunto de benefícios vem sendo denominado pelos economistas de contrato social pós-redemocratização.

Todos esses direitos são, sem dúvida, legítimos. Joaquim Nabuco, liberal abolicionista do século XIX, questionou qual seria a estratégia de Estado brasileiro tendo em vista o fim da escravidão. Na época, não se tinha um plano de ação para as questões sociais nacionais e a grandes mazelas que mostravam suas facetas cada vez mais reais como a pobreza e a desigualdade.

A estrutura socioeconômica nacional veio a passar por diversas transformações com o início da República e o fim da escravidão. O incentivo a migração e as transformações produtivas da economia nacional ocasionaram uma explosão demográfica no século XX, com o surgimento das grandes cidades urbanas, especialmente a partir da década de 1930.

A maior conurbação urbana acarretou maior demanda por serviços de utilidade pública, mas é certo de que esses serviços sempre estiveram aquém do ideal e ainda hoje nunca foram universalizados. O saneamento básico é um exemplo clássico. De fato, já no final do século XIX as principais cidades urbanas dos países desenvolvidos já tinham acesso universal a esse tipo de serviço para toda sua população, enquanto atualmente pouco mais de 45% dos domicílios nacionais ainda carecem de oferta.

Outro problema brasileiro desde o nascimento da República foi o descontrole fiscal. Os governos nacionais sempre foram muito perdulários e como ensina a máxima de Milton Friedman em economia “não existe almoço grátis”. Assim, o excesso de gastos governamentais sempre esteve associado com uma das principais patologias macroeconômicas: a inflação.

A ascensão militar em 1964 foi, nesse contexto, uma crise institucional e econômica. Essa última foi resultado de uma ampla indisciplina fiscal e expressiva expansão monetária tendo como objetivo, entre diversas outras, a construção de Brasília que desaguou em uma hiperinflação.

⁵ As ideias colocadas neste tópico refletem exclusivamente a visão do autor, não sendo, portanto, a posição oficial do IPECE.

O correto diagnóstico e as medidas adequadas no Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), conduzido magistralmente pelos economistas Roberto Campos e Octávio Bulhões no governo do cearense Castelo Branco (1964-1967), resultaram em uma inflação controlada e mais na frente naquilo que ficou conhecido como “milagre econômico” (taxas de crescimento anuais superiores a 7%).

Após um virtuoso ciclo de crescimento o governo militar embarcou num excesso de intervencionismo na economia e, mais uma vez, perda da disciplina fiscal, voltando ao círculo vicioso de inflação elevada e excesso de gastos. Já na redemocratização, depois do fracasso de seis planos econômicos somente em 1994 com o Plano Real a inflação veio a estar novamente sob controle.

Como já dito, foi a partir da Constituição de 1988 que os gastos sociais do país tomaram uma dimensão ampla desde o nascimento da República. Desde então, nenhum governo tem-se oposto a essa realidade considerando que na democracia o povo escolhe seus representantes de acordo com seus maiores interesses.

Nosso estado de bem estar social funciona como uma manada de búfalos em uma savana africana. Neste ambiente hostil, os leões predadores caçam todo tipo de animal, entre os quais se destacam os búfalos por oferecerem um verdadeiro banquete ao bando.

Os búfalos trabalham em equipe e têm boas estratégias de defesa. Dormem cerca de uma hora por noite em intervalos intercalados, estando sempre alerta. Seus imensos chifres são extremamente perigosos, podendo perfurar qualquer objeto ou animal.

Mas é compondo a manada que a proteção se torna mais eficaz. Nenhum animal em particular procura se isolar do grupo e o grupo, por sua vez, procura proteger a espécie. De fato, os menores e os mais fracos ficam no meio do bando e a maioria dos machos forma um anel protetor no perímetro, o que faz os mais vulneráveis ficarem mais protegidos.

É nesses moldes que funciona a democracia brasileira. Nossos benefícios sociais são muito generosos. Todas as classes sociais, de uma forma ou de outra, se beneficiam de alguma garantia do Estado. Classes pobres são garantidas com bolsa família e diversos recursos do sistema de seguridade social como seguro desemprego e abono salarial. A classe média sempre desfruta de uma universidade pública gratuita e de excelente qualidade tomando ainda a liderança dos concursos públicos mais concorridos e com melhores salários. Os ricos são galvanizados por incentivos fiscais e economia fechada estando suas empresas distante da feroz concorrência internacional.

Toda essa arquitetura social tem um custo. Para um país de renda média, nossa carga tributária é avassaladora. O brasileiro goza de muitos benefícios, mas não quer arcar com o

ônus desse custo. Rever o tamanho do estado na economia é primeiramente repensar nos benefícios que todos desfrutam, desfrutaram ou ainda vão desfrutar.